

VANESSA BORGES

ANÁLISE DE ASPECTOS TEXTUAIS DAS *FAKE NEWS* SOBRE COVID-19

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Adriana da Silva

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

B732a
2022

Borges, Vanessa, 1980-
Análise de aspectos textuais das fake news sobre covid-19 /
Vanessa Borges. – Viçosa, MG, 2022.
1 dissertação eletrônica (87 f.): il. (algumas color.).

Orientador: Adriana da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Letras, 2022.

Referências bibliográficas: f. 81-87.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.182>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Análise do discurso. 2. Notícias falsas. 3. Discussões e debates. 4. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Adriana da , 1972-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 401.41

Bibliotecário(a) responsável: Alice Regina Pinto Pires CRB-6/2523

VANESSA BORGES

ANÁLISE DE ASPECTOS TEXTUAIS DAS *FAKE NEWS* SOBRE COVID-19

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 25 de julho de 2022.

Assentimento:



Vanessa Borges
Autora



Adriana da Silva
Orientadora

*Dedico este trabalho a todos que, com afínco,
investem em combater a desinformação na
área da saúde. Dedico também ao SUS, pois,
mesmo com todo o sucateamento desse
(des)governo, vacinou, arduamente, grande
parte da população contra a covid-19.
O SUS é nosso!*

AGRADECIMENTOS

“Você não sabe o quanto eu caminhei / Pra chegar até aqui / Percorri milhas e milhas antes de dormir / Eu nem cochilei / Os mais belos montes escalei / Nas noites escuras de frio chorei” (A estrada – Cidade Negra).

O trecho dessa música sintetiza exatamente a minha trajetória nesta pesquisa e o meu sentimento ao ver essa dissertação finalizada.

Agradeço à Universidade Federal de Viçosa por me permitir desenvolver essa pesquisa sobre um tema tão sério, qual seja, a *fake news* na área da saúde. Precisamos combater esse mal o tempo todo e o espaço acadêmico tem papel fundamental nisso. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço a minha orientadora Adriana da Silva por aceitar me orientar quando precisei mudar a linha de pesquisa, e quando eu resolvi retomar a pesquisa após ter desistido de tudo. Não posso deixar de agradecer, também, a Ana Luísa Gediél por ter me incentivado a retomar a pesquisa quando eu havia desistido de tudo. Minha gratidão por ter acreditado em mim quando nem eu mesma acreditava.

Agradeço ao Professor Alex Caldas e ao Professor Geraldo Generoso pelo olhar atento aos detalhes dessa pesquisa. Isso enriquece ainda mais o trabalho.

Agradeço a minha mãe Graça por todo apoio incondicional às minhas decisões. Sem ela, não teria sequer um diploma de graduação. Minha eterna gratidão a ela.

Agradeço aos meus amigos pelos conselhos, pelo incentivo a buscar forças de onde eu nem tinha, pelo apoio nos momentos mais difíceis, pelos puxões de orelha quando necessários, pelas fofocas que me serviram de entretenimento em momentos tão sérios. Em especial, agradeço a minha amiga Xanda que, com o jeito todo peculiar, sempre me incentivou à pesquisa. A amizade nesse momento é o que nos segura e evita que cheguemos ao fundo do poço.

Agradeço aos meus filhos de quatro patas, Darth Vader e Cheetara, pela companhia nos momentos de estudos e de escrita durante o dia e noite adentro. Por estarem ao meu lado nos momentos de crises de ansiedade, e por me encherem de alegria em todos os momentos.

Agradeço, por fim, a mim mesma! Esta dissertação encerra um ciclo que começou e terminou da mesma forma: com felicidade. Porém, não foi assim o tempo todo. O processo todo foi muito doloroso, traumático, com muitas crises de ansiedade, de pânico, de choro e de angústia. O tempo todo me senti incapaz de concluir essa pesquisa e, por isso, me boicotava. Além disso, o excesso de trabalho, aliado à pandemia, exauria todas as minhas forças e me desmotivava o tempo todo. Não é fácil desenvolver pesquisa em um cenário assim! Não mesmo! Dentro desse caos todo, ainda tive de lidar com um relacionamento abusivo que atrapalhou ainda mais a minha pesquisa. Enfim, tudo conspirando contra mim, inclusive eu mesma. Entretanto, eu venci! Cheguei até aqui e o sentimento é de felicidade, de alívio e um profundo orgulho de ter retomado a pesquisa e provado para mim mesma que eu sou sim capaz.

*“A mentira é mais confortável do que a dúvida,
mais útil do que o amor e mais duradoura do
que a verdade”.*

(Gabriel García Márquez)

RESUMO

BORGES, Vanessa, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2022. **Análise de aspectos textuais das fake news sobre covid-19**. Orientadora: Adriana da Silva.

A produção, distribuição, circulação e compartilhamento das FN (*Fake News*) nas mídias sociais, em especial no *WhatsApp*, é um fato comum, entretanto se intensificaram no período inicial da pandemia de covid-19, em 2020, contribuindo para gerar desinformação sobre os protocolos de saúde elaborados pelas entidades responsáveis. Essa propagação pode ter contribuído para afetar o comportamento de parte da população durante o distanciamento social, período crítico da pandemia. Diante disso, os estudos sobre os aspectos linguísticos das FN se mostraram ainda mais necessários, visto que é relevante investigar a recorrência de alguns elementos presentes nas mensagens que circulam nas mídias sociais. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é o de analisar os seguintes aspectos linguísticos que se seguem: Argumentatividade; Fatores de Textualidade, Acessibilidade Textual e Formulação de Casos Extremos para que seja observado de que forma as *fake news* selecionadas podem manipular a leitura e a construção de sentido, modificando as ações dos leitores durante a pandemia. Também será observado quais são as palavras mais recorrentes nos textos e como elas são utilizadas na produção das FN. Para analisar esses elementos, foi utilizada a Linguística Textual (KOCH, 2004; COSTA VAL, 1994; FINATTO; SILVA; ESTEVES, 2021; SILVA; MARTINS, 2022). Utilizou-se, ainda, a teoria sobre Acessibilidade Textual Terminológica (FINNATO; PARAGUASSU, 2022) que discute a linguagem simplificada como fator relevante para a compreensão de textos com termos técnicos. Outra teoria que contribuiu para esta pesquisa foi a análise da conversação (POMERANTZ, 1986; SILVA; LADEIRA, 2011), na qual mostra como o uso de algumas palavras (Formulação de Casos Extremos) podem validar o argumento que se utiliza para convencer o interlocutor de que o seu ponto de vista é o verdadeiro, bem como a concepção de FN como gênero discursivo capaz de manipular e persuadir o leitor (VAN DIJK, 2018; MARCHUSCHI). O nosso *corpus* é composto de nove mensagens que circularam no *WhatsApp* entre os meses de janeiro e março de 2020, período crítico da pandemia. Para a contagem de palavras, utilizou-se o *software* AntConc 4.0.11. Os resultados mostram como as características analisadas nas FN contribuem para torná-las persuasivas por meio de linguagem simplificada e de argumentos que apelam para as crenças e ideologias do interlocutor. Os recursos como caixa alta, negrito e itálico contribuem para o destaque de elementos chaves no texto. Verificou-se, também, a presença de discurso de

autoridade nas mensagens em forma de entidades sanitárias, instituições universitárias e médicos pesquisadores. Além disso, os substantivos recorrentes identificavam a temática principal das FN, que era o coronavírus. Os adjetivos e os advérbios mostraram forte apelo emocional, o que corrobora com o cenário da pós-verdade. Verbos no imperativo e no infinitivo foram utilizados para instruir, dar comandos ou sugestão aos interlocutores sobre cuidados e prevenções. Por fim, o apelo forte ao compartilhamento foi constatado em parte das FN analisadas.

Palavras-chave: *Fake news*. Aspectos textuais. Argumentatividade. Acessibilidade textual terminológica. Formulação de casos extremos.

ABSTRACT

BORGES, Vanessa, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2022. **Analysis of textual aspects of fake news about covid-19**. Adviser: Adriana da Silva.

The production, distribution, circulation and sharing of FN on social medias, especially on WhatsApp, is a common fact, however it was intensified in the initial period of the covid-19 pandemic, in 2020, contributing to generate misinformation about the health protocols developed by the responsible entities. This spread may have contributed to affect the behavior of part of the population during social distancing, a critical pandemic period. Thus, studies on the linguistic aspects of FN have proved to be even more necessary, since it is relevant to investigate the recurrence of some elements present in the messages that circulate on social media. Therefore, the purpose of this research is to investigate some linguistic characteristics such as the use of nouns, adjectives, adverbs and verbal modes in fake news that circulated in WhatsApp messaging application, how these characteristics contribute to the production of meaning and, consequently, convinces the interlocutor about the received content. Therefore, to analyze these elements, Textual Linguistics was used (KOCH 2004; COSTA VAL, 1994; FINATTO; SILVA; ESTEVES, 2021; SILVA and MARTINS, 2022). The theory on Terminological Textual Accessibility (FINNATO; PARAGUASSU, 2022) was also used, which discusses simplified language as a relevant factor for understanding texts with technical terms. Another theory that contributed to this research was conversation analysis (POMERANTZ, 1986; SILVA and LADEIRA, 2011), in which it shows how the use of some words (Extreme Case Formulation) can validate the argument used to convince the interlocutor that his/her point of view is the true one. Our corpus consists of nine messages that circulated on WhatsApp between January and March 2020, a critical period of the pandemic. For the counting of words, the software AntConc 4.0.11 was used. The results show how the characteristics analyzed in the FN contribute to making them persuasive through simplified language and arguments that appeal to the interlocutor's beliefs and ideologies. Features such as capital letters, bold and italics help to highlight key elements in the text. It was also verified the presence of authoritative speech in the messages in the form of health entities, university institutions and medical researchers. In addition, the recurring nouns identified the main theme of the FN, which was the coronavirus. Adjectives and adverbs showed strong emotional appeal, which corroborates the post-truth scenario. Verbs in the imperative and infinitive were used to

instruct, give commands or suggestion to the interlocutors about care and prevention. Finally, the strong appeal to sharing the message was found in part of the analyzed FN.

Keywords: Fake news. Textual aspects. Argumentativeness. Terminological textual accessibility. Extreme case formulation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Chineses contaminados na Feira dos Importados, DF	45
Figura 2 – Recomendações de um médico pesquisador de Wuhan.....	48
Figura 3 – Recomendações da Unicef	52
Figura 4 – Distribuição gratuita de álcool em gel pela Ambev	57
Figura 5 – Vacina contra o coronavírus.....	60
Figura 6 – Itália encontra a cura para coronavírus	63
Figura 7 – Bolsa família dá saque de R\$840,00	67
Figura 8 – Cadastramento para o Auxílio Cidadão	71
Figura 9 – Aplicativo do Ministério da Saúde é inseguro	70
Quadro 1 – Corpus selecionado para a pesquisa: saúde e política	42
Quadro 2 – Configuração das <i>fake news</i>	73
Quadro 3 – Palavras recorrentes no <i>corpus</i> das <i>fake news</i>	74
Quadro 4 – Contexto de uso do advérbio “não” no <i>corpus</i> das <i>fake news</i>	74
Quadro 5 – Contexto de uso dos substantivos “mãos” e “água” no <i>corpus</i> das <i>fake news</i>	77
Quadro 6 – Contexto de uso do substantivo “governo” no <i>corpus</i> das <i>fake news</i>	76

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	20
1.1 Fake news como gênero discursivo: manipulação e persuasão	20
1.2 Formulação de Casos Extremos	23
1.3 Fake news e Whatsapp	24
1.4 Fake news na sociedade brasileira: infodemia	27
1.5 Argumentatividade e fake news	33
1.6 Aspectos textuais linguísticos.....	34
1.7 Acessibilidade Textual Terminológica (ATT).....	39
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
2.1 Construção do corpus	43
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS	47
3.1 Mensagens do whatsapp	47
3.2 Palavras recorrentes no corpus	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As *fake news* são notícias falseadas ou manipuladas e têm propósitos distintos (BENTES, 2018) nas sociedades em que surgem. Para Santaella (2019, p. 29) são “notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras”. De acordo com Levy (2017, p.20), *fake news* “são alegações que pretendem ser sobre o mundo em um formato e com um conteúdo que se assemelha ao formato e ao conteúdo de organizações de mídia legítimas” (tradução nossa). Em outras palavras, as *fake news*, visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos. Apesar de terem um terreno fértil para sua fecundação nas novas mídias, elas existem há alguns séculos. Porém, a popularização dessa expressão é recente. De acordo com o historiador Darnton, em entrevista à Folha Uol, o primeiro registro histórico de notícias falsas¹ que se tem é do século VI, no qual o historiador bizantino Procópio, ao escrever um texto secreto – *Anekdotá* – sobre o imperador Justiniano, espalhou diversas informações falsas sobre ele, arruinando o governo não somente de tal imperador como o de outros (VICTOR, 2017).

Outros registros históricos de *fake news* também foram mapeados por Darnton. Pietro Arentino, jornalista entre os séculos XV e XVI, que escrevia diversos poemas curtos e sonetos e colocava na estátua de um personagem chamado Pasquino, perto da Piazza Navona, onde ele depreciava cardeais que eram candidatos ao papado. Dessa forma, Arentino ameaçava os candidatos e, com isso, eles o pagavam para que nada fosse publicado. No século 18, havia pessoas que espalhavam notícias falsas por dinheiro, além dos “homens-parágrafos” que, depois de buscarem notícias falaciosas, vendiam para editores e estes publicavam em forma de pequenas reportagens (VICTOR, 2017). Nesse sentido, é possível perceber que, mesmo antigas, as *fake news* sobrevivem, embora tenha outros contornos e uma fácil propagação e adesão. Bakhtin (2013) afirma que as histórias fantasiosas e as palavras de duplo sentido (mentira/verdade, elogio/injúria) já faziam parte da cultura popular antiga e foram evoluindo e se transformando, mostrando-se com diversas facetas. Aliado a esse contexto contemporâneo, surge a pós-verdade.

¹ Adotamos a expressão “notícias falsas” por entendermos que o termo *fake news* é recente.

O termo pós-verdade, segundo o dicionário de Oxford, tem por definição “circunstâncias nas quais as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a fatos”². A expressão surgiu pela primeira vez em 1992, na revista *The Nation*, em um artigo do escritor Steve Tesich. De acordo com Tesich, após a batalha de Watergate, os americanos se encontravam bastante traumatizados e fragilizados e, por isso, passaram a desconsiderar a verdade numa tentativa de suprimi-la, não sendo, pois, necessária a mídia ou até mesmo os políticos fazerem isto (D’ANCONA, 2018). Outro momento em que o vocábulo apareceu foi em 2010, quando o blogueiro David Roberts, ao fazer uma análise científico-política acadêmica, observou que os eleitores americanos não se preocupavam com a formulação de políticas em si, mas como se sentiam em relação aos políticos em termos de afiliações de valor e, assim, selecionavam fatos específicos para justificarem a escolha em vez de analisarem todo o contexto (D’ANCONA, 2018).

Entretanto, o termo pós-verdade se popularizou em dois momentos: na época das eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos e quando houve o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia – Brexit – e, a partir disso, ganhou notoriedade mundial. Diante disso, ocorre a consolidação da ideia de que a verdade passa a ser elemento secundário na sociedade, perdendo importância em diversos cenários, especialmente político.

Aliado a esse fato, a evolução tecnológica na área da comunicação, permitiu o acesso à informação e a possibilidade de compartilhamento de tudo o que é lido em apenas um clique. Freire (2019) argumenta que as FN têm

padrões estéticos e discursivos, relativamente estáveis; e as flexibilidades adquiridas, para atingir as finalidades discursivas e de efeitos, a partir de adaptações e modificações que podem surgir no conteúdo, estilo e suporte, devido a mudanças de propósitos comunicativos, no contexto social e na integração de novas tecnologias. Tanto a estabilidade como as maleabilidades agem, nos gêneros, como forças sensíveis e tencionam a produção de sentidos. (FREIRE, 2019, p. 17-18).

As FN encontram caminho de propagação na era digital, com a tecnologia e a rede digital, que têm alterado as possibilidades de interação de milhares de pessoas a nível político, econômico, cultural, industrial e, sobretudo, no nível da vida diária (Freire, 2019). Ela alcança facilmente diferentes públicos por meio das redes e por isso pode ter um grande poder de persuasão, afetando assim, as ações da sociedade.

² Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post+truth>
Acesso em: 20 jun. 2020.

No cenário tanto político, quanto da saúde, existe a grande preocupação acerca da desinformação ou informações desencontradas no que diz respeito ao Sars-Cov-2, popularmente conhecido como covid-19 ou coronavírus, e isso pode ter modificado/afetado negativamente o comportamento de milhões de brasileiros. As *fake news* (doravante FN) podem ser definidas como “artigos de notícias que são intencional e comprovadamente falsos e podem enganar os leitores” (ALLCOTT; GNTZKOW, 2017, p. 213, tradução nossa)³. Elas podem (inter)agir como uma forma de manipulação e de dominação social, já que alguns grupos sociais têm visivelmente mais poder do que outros, seja pelo acesso às informações, seja por recursos materiais. De acordo com Van Dijk (2018),

se as ações envolvidas são ações comunicativas, isto é, o discurso, então podemos, de forma mais específica, tratar do controle sobre o discurso de outros, que é uma das maneiras óbvias de como discurso e o poder estão relacionados”. Por isso, faz-se de grande relevância investigar como as FN, enquanto formas de discursos, agem e interagem na sociedade, em especial, no contexto de pandemia pelo vírus Sars-Cov-2. (VAN DIJK, 2018, p.17-18).

Diante disso, este trabalho descreve aspectos linguísticos de FN sobre a COVID e o coronavírus que circularam no *WhatsApp* no início da pandemia, partindo da hipótese de que elas podem influenciar a leitura e a ação do leitor, visto que diversas estratégias de convencimento são utilizadas nesse gênero, dentre elas, a Formulação de Casos Especiais, elaborada pela autora Anita Pomerantz (1986), a qual consiste em identificar e analisar palavras ou expressões extremas com o objetivo de convencimento, justificativa, argumentação em relação ao interlocutor. Além disso, a Acessibilidade Textual se mostra, também, uma estratégia importante de convencimento e até mesmo de credibilidade para, conseqüentemente, circularem de forma ampla e rápida nessa mídia social. Como suporte teórico-metodológico serão utilizados os Estudos em Mídias (RECUERO *et al.*, 2021; SOARES *et al.*, 2021), pois é nesta que a produção, distribuição e circulação das FN ocorrem de forma bem sucedida, alcançando um público expressivo. A análise dos aspectos linguísticos das FN também é de grande relevância para esta pesquisa, já que a interação dos indivíduos acontece por meio da linguagem, e é neste contexto que as FN se materializam, tendo estas, em muitos casos, a linguagem simplificada para se tornarem acessível a todos os leitores. Assim, para analisar a questão da Acessibilidade Textual Terminológica (ATT), iremos nos amparar nos estudos de Finatto (2022), pois acreditamos ser importante essa questão.

³ Nossa tradução de: We define “fake news” to be news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 213).

Os fatores de textualidade também serão utilizados neste trabalho como aporte teórico para as análises com base em autores da linguística textual como Koch e Elias (2018), Macuschi (2010) e Costa Val (1999).

A ideia para esta pesquisa surgiu a partir da polêmica questão levantada pelas mídias quanto à propagação e aos efeitos da covid-19 no início da pandemia, e, principalmente, da reação/comportamento das sociedades ao redor do mundo, em especial, do Brasil, já que a postura de diversos cidadãos quanto à situação atípica é de completo descaso – infelizmente, incentivados pelo chefe de Estado do país. Paralelo à preocupação com o poder de contágio do vírus que vem assolando o mundo, viu-se emergir uma politização da doença, e isso dificultou a ação dos municípios e dos estados quanto às políticas públicas de combate à ação do vírus. Vimos, portanto, a necessidade de investigar o porquê e como essas FN se apresentavam e circulavam no *WhatsApp*. Como material de análise, foram selecionadas 9 mensagens que circularam amplamente no início da pandemia – janeiro e março de 2020 –, que serão discutidos na seção de procedimentos metodológicos, no intuito de esclarecer os percursos que serão adotados na identificação e análise do *corpus*. Estas 9 mensagens foram selecionadas dentre outras por apresentarem significativas marcas persuasivas que possibilitam um maior aprofundamento das análises das categorias que serão utilizadas e aprofundadas na pesquisa. O material selecionado circulou no *WhatsApp*, que se caracteriza por ser de fácil acesso, com ampla a possibilidade de fácil compartilhamento. Os textos analisados foram pesquisados e selecionados em sites de *fact-checking* que difundiam as *fake news* que circulavam, na época, pelo *WhatsApp*, conforme será mais detalhado também na seção de procedimentos metodológicos.

As FN ganharam força de propagação com o advento da *internet* e, mais tarde, com a criação das mídias sociais. Diante disso, linguistas, e até mesmo jornalistas, viram a necessidade de investigá-las para entender melhor esse fenômeno. Assim, ao se observar a sua produção, circulação e recepção, percebeu-se que se tratava de um gênero discursivo bastante maleável, ou seja, capaz de se adaptar a diversas mídias e até mesmo em vários outros gêneros. Deve-se considerar, também, que o negacionismo promovido nas diversas mídias, juntamente com a polarização política (SOUZA; AZEVEDO, 2018), contam com a ajuda da tecnologia para serem disseminadas ainda mais FN. Esses fatores são cruciais para a desinformação na área da saúde (LEITE; LOBATO, 2018), em especial sobre a covid-19. O negacionismo da pandemia e tudo que a permeia está relacionado à negação da ciência (MOREL, 2021).

No final de 2019, começaram a surgir casos em Wuhan, na China, de Sars-Cov-2, entretanto, não se sabia qual era o potencial de disseminação, de contágio e de morte. Pouco tempo depois, o mundo se viu em uma situação atípica para o contexto contemporâneo: uma pandemia pelo vírus Sars-Cov-2. Pouco se sabia, até então, sobre como o vírus agia, no entanto, protocolos sanitários eram necessários para evitar a disseminação em larga escala da doença e que o pior acontecesse, ou seja, uma propagação mundial.

Em março de 2020, o país decretou oficialmente a pandemia pelo da covid-19. A partir disso, iniciaram-se protocolos de distanciamento social em diversas cidades brasileiras para evitar a transmissão do vírus. Nesse contexto de poucas informações da ciência sobre o que era e como agia o coronavírus, o cenário favoreceu a criação e propagação de *fake news* sobre a origem da doença, proliferação, contaminação e até mesmo medicamentos que prometiam efeito profilático ou até mesmo a cura para a doença. Além dessas teorias, surgiram aquelas em que se negavam completamente a existência da pandemia. Essas teorias foram largamente propagadas nas mídias sociais por vários usuários, mas, principalmente, por políticos influentes e com visibilidade nacional. As FN, negando a existência da pandemia e sua gravidade, circularam amplamente e conseguiram convencer muitas pessoas, alienando uma parte da população quanto ao cenário problemático que enfrentávamos à época. Segundo Morel (2021),

ao negar a gravidade da pandemia, a extrema-direita minimiza a importância crucial das políticas públicas nesse momento, eximindo o Estado de investir na saúde pública. O negacionismo passa a ter uma expressão nunca antes vista na história, ganhando mais força inclusive no âmbito das próprias políticas públicas. A consequência mais perversa dessa equação é a intensificação de uma política de morte voltada para grupos mais vulnerabilizados. (MOREL, 2021, p. 4).

Como consequência da negação da ciência, houve um fortalecimento da extrema-direita no país e a polarização política já existente acentuou-se e formou bolhas ideológicas em diversas mídias sociais, em especial, no *WhatsApp*. Segundo Recuero *et al.*, (2021), “ao invés” de se ver a pandemia como um problema de saúde coletivo, ela foi sempre enquadrada como uma questão política - por exemplo, como uma “conspiração”, um “ataque” contra Bolsonaro” (RECUERO *et al.*, 2021, p. 15). E para manter essas bolhas, esses grupos ideológicos usam a desinformação como forma de manutenção do poder e da influência sobre os seus interlocutores. Ainda de acordo com a autora,

Esses grupos políticos têm um importante papel no processo de enquadramento dos assuntos como políticos, no uso de autoridades para legitimar conteúdos problemáticos e nos processos de espalhamento da desinformação. Assim, a existência de bolhas polarizadas em todas as conversações sobre Covid-19 que

alinham a questão com ideologias políticas terminam por usar a desinformação como uma forma de sustentar o discurso da extrema-direita. (RECUERO *et al.*, 2021, p. 16).

Essa polarização no início da pandemia pode ter contribuído para o comportamento inadequado de vários brasileiros. Diante disso, vê-se um cenário de caos: cidades com o sistema de saúde em colapso, pessoas, ainda assim, sem acreditar na ciência e, como consequência, altos índices de contaminação e de mortes no país. Isso foi potencializado por causa da facilidade e da rapidez na disseminação do que se está na rede, o alcance se torna muito maior e isso pode influenciar, e até mesmo modificar, o comportamento de parte da população e, com isso, trazer consequências irreversíveis. Assim, este estudo se mostra relevante, uma vez que visa analisar as FN que circularam no *WhatsApp*, pois este é de fácil acesso por parte da população, além de haver a opção de fácil compartilhamento do que se vê/lê, favorecendo sua propagação. Portanto, é fato que as FN precisam ser investigadas em função de seu potencial de controle e influência no cotidiano da sociedade.

Esta pesquisa visa a colaborar com pesquisas em Linguística Textual, ao propor uma análise de aspectos linguísticos específicos que se seguem: Argumentatividade; Fatores de Textualidade, Acessibilidade Textual e Formulação de Casos Extremos para que seja observado de que forma as *fake news* analisadas foram capazes de manipular e persuadir a leitura e a construção de sentido, modificando as ações dos leitores durante a pandemia. Além disso, vamos analisar, linguisticamente, quais são as palavras mais recorrentes nos textos e como elas são utilizadas na produção das FN.

É relevante considerar que as FN trouxeram o fenômeno da pós-verdade, que leva em consideração não mais a “verdade”, mas o sentimento de verdade em relação a algum fato, desconsiderando a importância da confirmação do fato em si ao abrir espaço para se acreditar no que se lê. Conforme D’ancona (2018), Pós-verdade é o início de uma era na qual a verdade tem pouco valor; o que é relevante são as paixões e crenças que ganharam força no contexto atual. Portanto, investigar as FN é relevante para que seja possível ampliar a discussão sobre essa problemática.

Diante disso, nosso objetivo é analisar aspectos textuais das *fake news* como possíveis estratégia de convencimento e de credibilidade no *WhatsApp*. Assim, pretendemos investigar as FN sobre covid-19 que circularam no *WhatsApp* no início da pandemia e como contribuíram para produzir desinformação na sociedade.

No primeiro Capítulo, apresentaremos o referencial teórico desta pesquisa trazendo um panorama geral sobre as *Fake News*, enquanto gênero discursivo, e como elas se disseminaram

no Brasil no período da pandemia. Neste contexto, também trataremos sobre a noção de Infodemia, e *Whatsapp*. Em seguida, apresentaremos os conceitos gerais dos aspectos linguísticos que serão utilizados posteriormente no desenvolvimento das análises.

No segundo Capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos da pesquisa bem como as informações sobre a construção do *corpus* linguístico. Já no Capítulo 3, serão desenvolvidas as análises e, por fim, serão apresentadas as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, traremos uma discussão sobre a abordagem da Fake News como gênero discursivo (FREIRE, 2019). Também discutiremos sobre o funcionamento do *WhatsApp* enquanto aplicativo de conversa e a sua relevância na propagação de *fake news* no contexto da pandemia. Abordaremos o conceito de Infodemia (FINATTO; SILVA; ESTEVES, 2021), que se refere ao aumento repentino de notícias sobre um tema específico, e trataremos da importância de aspectos linguísticos e argumentatividade na produção das FN e como eles podem ser fundamentais para a manipulação do interlocutor quanto ao que se é compartilhado no *WhatsApp*. Uma vez que observamos nos textos selecionados que os fatores de textualidade são relevantes para o desenvolvimento das análises, abordaremos essa teoria com base em Koch e Elias (2018), Marcuschi (2008; 2010) e Costa Val (1999), pois esses autores apresentam uma visão teórica relevante para o desenvolvimento da base teórica desta pesquisa. Pretendemos, ainda, discutir a importância do léxico a partir da teoria da análise da conversação, baseando-nos em Pomerantz (1986) e Silva e Ladeira (2011), bem como no uso de Formulação de Casos Extremos (FCC). Também iremos abordar como as FN são produzidas mais próximas da fala, visto que buscam ser acessíveis (FINATTO, 2022) a todos os públicos, formando o conceito de Acessibilidade Textual Terminológica (ATT).

O aporte teórico deste capítulo constitui a principal base utilizada para a estruturação das análises de corpus que serão apresentadas posteriormente no terceiro capítulo.

1.1 Fake news como gênero discursivo: manipulação e persuasão

Nesta pesquisa consideramos as FN como um gênero discursivo com grande poder de manipular de manipulação e persuasão. Ressaltamos que existem divergências entre alguns autores quanto ao fato de as FN serem consideradas gêneros discursivos, entretanto, nesta pesquisa, a partir dos estudos de Freire (2019), assumimos que as *fake news* são gêneros discursivos, pois se combinam e se modificam em diversos outros e vêm promovendo profundas mudanças na sociedade.

Assim, torna-se importante primeiramente compreendermos a noção de gênero. Primeiramente esboçaremos a teoria bakhtiniana, uma vez que esse foi o percussor dos estudos de gênero e em seguida apresentaremos a concepção de Marcuschi (2008; 2010) que parte de uma perspectiva tanto textual quanto discursiva a partir da concepção de Bakhtin.

Para Bakhtin (1997, p. 280), gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados e “ocorre a partir da verificação de que todas as atividades humanas, nas diferentes esferas sociais, estão relacionadas com a utilização da língua”. Para ele, esse uso da língua “é feito em forma de enunciados (orais ou escritos), que —refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (p. 280). Isso acontece por seu conteúdo (tema), por seu estilo verbal (seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais), e por sua construção composicional (organização textual) que dão forma a tipos característicos de enunciados dentro de um dado espaço de comunicação. Esses tipos estáveis de enunciados caracterizam os gêneros do discurso. Desta forma, para Bakhtin (2006), não há sujeito passivo (leitor/ouvinte) que apenas interpreta os enunciados produzidos pelo (escritor/apresentador). Bakhtin (2006) afirma que

Os interlocutores possuem uma compreensão responsiva ativa, responsável por ações de concordância, discordância e complementação, entre outras, a partir das quais se constroem os sentidos. Dessa interação, origina a enunciação, também determinada pelo contexto. (BAKHTIN, 2006, p. 124).

O texto possui natureza dialógica uma vez que o enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. Assim, “o enunciado seria um elo na cadeia da comunicação verbal e que não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Há uma grande diversidade de gêneros em decorrência da variedade de esferas de circulação social nas interações verbais e na diversidade da atividade humana. Cada uma dessas esferas comporta um repertório de gêneros do discurso que se transforma e se amplia “à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 280). Assim, de acordo com finalidades comunicativas, cada esfera elabora seus gêneros, aspectos socioculturais próprios e singularidades das situações interacionais em que os enunciados estão sendo produzidos.

MARCUSCHI (2008) utiliza a concepção Bakhtiniana dos gêneros, mas amplia o seu conceito considerando os gêneros como instrumentos tanto textuais quanto discursivos:

Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula. (MARCUSCHI, 2008, p. 84).

Compreendermos as *fake news* enquanto gênero discursivo é importante, pois sua estrutura pode nos trazer elementos importantes sobre a forma como essas notícias são construídas e usadas para manipular os leitores. Considerar a natureza dialógica das FN também é relevante, pois elas são constituídas do uso várias vozes para que a notícia pareça o mais real possível, como poderemos observar posteriormente nas análises.

Freire (2019) observa que além de ser importante considerar as FN como gênero, também é necessário entendermos também o conceito de notícia, pois as FN se apresentam com estrutura informativa. Desta maneira, consegue-se manipular ou persuadir ou o leitor com mais facilidade quando esse aceita a notícia como um fato verídico.

Segundo Freire (2019) a notícia é um conjunto de informações que tem um caráter de novidade, advindo de uma fonte, com importância no espaço público, podendo ser reportado à sociedade na forma de pequeno relato. Entretanto, na dinâmica das redes sociais, as notícias precisam adotar critérios específicos para chegar aos leitores. As notícias, de maneira geral, tem como objetivo informar, enquanto as *fake news* ao contrário, promovem desinformação. É necessário consideramos que nem todo público que recebe notícia possui condições de reconhecer se a informação é verdadeira ou falsificada, principalmente por causa do volume de informações das redes sociais on-line e a da falta de letramento digital. E é nesse contexto que ocorre a manipulação e a persuasão tão presentes nas FN.

Para Van Dijk (2018), a manipulação é uma forma de poder conquistada por meio da influência do discurso. É um controle exercido por alguém sobre outras pessoas, sem a consciência das mesmas, e sempre na contramão dos interesses delas. Já a persuasão utiliza-se de argumentos, que podem ou não ser aceitos pelos interlocutores, que podem decidir suas ações posteriores. Assim, pode-se afirmar que o ato de persuadir está ligado ao objetivo de tentar mudar a opinião de alguém sobre determinado assunto. Já o convencimento perpassa pela apresentação de ideias que reforçam o lado racional do interlocutor.

Ressalta-se que, em ambos os casos, os interlocutores podem refutar ou não a informação. Na manipulação, os sujeitos, por uma série de fatores, como o medo, são levados a acreditar em discursos que induzem a ações e crenças equivocadas, como acontece no contexto das FN no período da pandemia. Na manipulação, os interlocutores não percebem que estão sendo manipulados, e não há espaço para que o interlocutor seja livre para aceitar ou não tal discurso.

Van Dijk (2018) defende que a manipulação é um fenômeno social, pois envolve interação entre grupos e atores sociais; cognitivo já que ocorre manipulação mental de quem

participa da interação; e discursivo, uma vez que a manipulação é exercida por meio da escrita, da fala e de imagens.

A manipulação e a persuasão têm grande relevância para esta pesquisa, pois as FN direcionam sua intenção para fazer com que um grupo grande de pessoas modifiquem suas ações para um determinado fim. Em um contexto pandêmico de poucas informações científicas sobre a covid-19 e o coronavírus, a criação e a propagação de *fake news* sobre a origem da doença, proliferação, contaminação e uso de medicamentos que prometiam efeito profilático ou cura para a doença aumentou. Além disso, surgiram teorias que foram propagadas nas mídias negando a existência da pandemia o que reforçava a politização da doença. Para que a população fosse convencida sobre essas informações equivocadas, era necessário que a estrutura linguística das FN fosse altamente persuasivas e manipuladoras.

Veszelski (*apud* SILVA; MARTINS, 2022), ao estudar elementos linguísticos e não linguísticos das *fake news* em húngaro, constatou que notícias falsas geralmente apresentam sinais claros de que são farsas. Entretanto, encontram aceitação de pessoas que as passam adiante nas redes sociais. Não temos como intuito aprofundar a discussão sobre gênero, uma vez que este não é o objetivo desta pesquisa. Entretanto, é indispensável a contextualização dessa teoria para compreendermos as FN como gênero discursivo que tem poder para manipular e persuadir o leitor, uma vez que sua estrutura textual apresenta esses elementos linguísticos, o que poderá ser verificado na apresentação das análises.

1.2 Formulação de Casos Extremos

A Formulação de Casos Extremos (POMERANTZ, 1981) é uma teoria desenvolvida por Pomerantz que consideramos significativa para esta pesquisa, uma vez que ela abrange uma compreensão sobre aspectos linguísticos persuasivos.

A produção e a circulação das *fake news* têm diversos propósitos, dentre eles, como dito anteriormente, o de persuadir o interlocutor a acreditar no que lê, além de tentar induzi-lo a compartilhá-la, para que, assim, alcance o maior número de pessoas que acreditam no conteúdo ali veiculado. Para isso, o produtor dessas mensagens utiliza diversas estratégias de persuasão para o convencimento do seu interlocutor como o uso de linguagem simplificada e, até mesmo a Formulação de Casos Extremos (FEC) para validar a ideia ali presente. Conforme afirma Pomerantz (1986), Formulação de Casos Extremos se manifestam, dentro de uma conversação, em falas como “é **novíssimo, completamente** inocente, ele estava dirigindo **perfeitamente**

bem, ele não disse **nenhuma** palavra, eu **realmente** não sei quem ele é, **para sempre, toda vez, todo mundo**” (POMERANTZ, 1986, p. 219, grifo nosso).

Segundo Pomerantz (1986), nós utilizamos variadas estratégias, por exemplo, para convencer o nosso interlocutor a acreditar em uma ideia, a comprar algo ou até mesmo a apoiar algum projeto e, para isso, utilizamos a FEC para legitimar a nossa fala. A autora desenvolveu essa teoria para a análise da conversação, entretanto, é possível perceber esse fenômeno em muitas FN, visto que estas, em muitos casos, e a depender do interlocutor, são produzidas buscando se aproximar da fala e com uma linguagem mais simplificada, visando a ser mais acessível e, como discutido na seção sobre Acessibilidade Textual Terminológica, a alcançar um público mais amplificado. Para a autora:

A circunstância precipitante pode ser uma circunstância problemática que é retratada como injusta, imoral, embaraçosa, desconfortável ou de alguma outra forma indesejável e/ou intolerável. Há uma suposição compartilhada de que quanto pior o problema, mais necessário é fazer algo a respeito. Ao justificar, os falantes usam formulações de casos extremos para retratar as circunstâncias que precipitaram suas ações como exigindo suas ações. (POMERANTZ, 1986, p. 228, tradução nossa)⁴.

No que se refere às FN, muitas delas trazem um discurso de indignação frente a situações consideradas absurdas. Um exemplo disso são as FN que circularam nas diversas mídias sociais, acusando a Organização Mundial de Saúde de não recomendar o medicamento cloroquina para a cura da covid-19, já que havia eficácia comprovada. Ainda, havia um clamor à sociedade, em muitas delas, que pressionasse as autoridades sanitárias, exigindo providências. *Fake news* como essas, que visam a apelar para as crenças e as emoções dos interlocutores, têm grandes chances de circular com frequência, pois podem usar a FCE para legitimar a mensagem ali presente. Assim, esse pode ser mais um recurso que os produtores das FN empregam nos discursos que produzem para circular nas mídias sociais.

1.3 *Fake news e Whatsapp*

De acordo com Marcuschi (2010), os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Eles contribuem para ordenar e estabilizar

⁴ Nossa tradução de: The precipitating circumstance may be a problem circumstance which is portrayed as unfair, immoral, embarrassing, uncomfortable, or in some other way undesirable and/or intolerable. There is a shared assumption that the worse the problem, the more necessary it is to do something about it. In justifying, speakers use Extreme Case formulations to portray the circumstances that precipitated their actions as demanding their actions (POMERANTZ, 1986, p. 228).

as atividades comunicativas diárias. Com o advento da *internet* e, posteriormente, das mídias sociais, alguns novos gêneros surgiram na sociedade. Marcuschi (2010) afirma que os ambientes virtuais são propícios tanto para imersão nesse ambiente dos mais diversos gêneros textuais, bem como são extremamente versáteis por atuarem em diversas situações comunicativas.

As mensagens de WhatsApp despontam como um importante gênero da sociedade atual e possibilita que o usuário possa desenvolver outros gêneros orais e escritos de diferentes tipos textuais. Devido a essa variedade, suas mensagens têm a função não somente de entreter, mas também de comunicar e informar. Desta forma, possibilita que as FN se disseminem com rapidez e facilidade, o que faz com que o aplicativo seja um meio bastante utilizado para esse fim. Por esta razão, o WhatsApp torna-se um importante gênero para a compreensão da propagação de *fake News*.

No início dos anos 2000, com o surgimento da *internet*, e a sua popularização, houve uma mudança significativa nas nossas práticas sociais, em especial, as de leitura e as de escrita. No primeiro caso, a leitura alinear, promovida pelos usos de hiperlinks nos mais diversos gêneros digitais, tornou-se mais frequente quando se trata de textos na *internet*; no segundo, com o advento da Web 2.0, os usuários das redes passaram, também, a serem criadores de conteúdos nas páginas *online*. De acordo com Leite e Silva (2015, p. 86), tal modificação possibilitou “novos contornos a noções como interação, colaboração, participação. Essas mudanças ressignificaram não somente tais práticas, mas também promoveram mudanças estruturais coletivas e individuais significativas no mundo contemporâneo”. Diante disso, ao sabermos que essas se alteram/modificam conforme o contexto sócio-histórico, é importante pensarmos em como o aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp* integrou em si as características das salas de bate papo que existentes em alguns *sites*, alterando, mais uma vez, a forma de comunicação entre os indivíduos usuários desse recurso.

Conforme Leite e Silva (2015),

Cada dia mais a internet se torna presente na vida dos indivíduos, alterando a maneira como interagem uns com os outros e buscam informações nas mais diversas esferas da vida social. Seja na rua, no trabalho e até mesmo nas escolas, as pessoas estão conectadas através de diversos dispositivos digitais. O surgimento de novos aplicativos em dispositivos móveis, aliado a uma crescente mobilidade de pessoas e informações, configura um cenário de iminente transformação das práticas sociais. (LEITE; SILVA, 2015, p. 89).

O *WhatsApp* surgiu em 2009 e, inicialmente, era um aplicativo apenas de mensagens pessoais. Para um indivíduo conseguir enviar uma mensagem, é preciso ter o número de

telefone do interlocutor, diferente dos *chats*, pelos quais era possível se comunicar com qualquer pessoa. Nesse ponto, essa particularidade do aplicativo revela uma relação próxima entre os participantes da conversa, sendo possível criar um laço de confiança sobre o que se recebe, facilitando a aceitação da informação contida na mensagem e favorecendo o compartilhamento dela. Entretanto, com a evolução da *internet*, o aplicativo passou a ser, também, de uso coletivo, com a possibilidade de criação de grupos para diversos tipos de interações, além de comercial, já que muitas empresas adotam essa ferramenta como forma de comunicação principal entre os funcionários e até mesmo nas relações comerciais. Assim, o *WhatsApp* é o aplicativo mais utilizado no Brasil, visto que além de mensagens pessoais, existe a possibilidade de o cliente se comunicar com empresas e vice-versa.

Embora seja uma ferramenta bastante útil, há uma situação grave: uma *fake news* disparada nesse aplicativo pode alcançar um número ainda maior de interlocutores. Em abril de 2020, o *WhatsApp* limitou o número de compartilhamentos de uma mensagem, no entanto, no início da pandemia, em janeiro de 2020, esse recurso ainda não estava disponível e isso pode ter sido um facilitador e, conseqüentemente, contribuído para aumentar os disparos de *fake news*. As mensagens que circulam nesse aplicativo, além chamarem mais a atenção, parte delas tem linguagem simplificada, o que pode contribuir para alcançar um público maior, afinal os modos como as mensagens se materializam é que irão definir o seu poder de propagação ou não. Segundo Leite e Silva, 2015, p. 86, “os modos convencionais de produção de sentido pela escrita, por exemplo, atrelam-se aos modos visuais, orais, gestuais, dentre muitos outros possíveis”. Dessa forma, o *WhatsApp* vem sendo uma ferramenta ideal para a disseminação da desinformação sobre a covid-19 no país, uma vez que, além de não haver um controle externo - como governamental - permite e favorece o compartilhamento de mensagens diversas - áudios, textos, imagens e vídeos. Uma questão que merece destaque são os dados da *internet* dos usuários de smartphones. Ao acessar aplicativos como *WhatsApp*, o usuário não consome o pacote de dados de *internet* da operadora; porém, caso opte por checar a mensagem que recebe, inicia-se o consumo desse pacote. Isso dificulta ainda mais a verificação das mensagens/informações que se recebe pelo aplicativo, o que contribui para a circulação mais fácil e ampla das FN.

Compreender o contexto nas *fake news* no cenário pandêmico no Brasil e sua disseminação no *WhatsApp* nos ajuda a estruturar o campo teórico dessa pesquisa alicerçando os procedimentos metodológicos adotados que serão mostrados no seguinte capítulo.

Como já apontamos anteriormente, nesta pesquisa, estamos considerando que as *fake news* são gêneros discursivos que estão ganhando cada vez mais espaço nas mídias sociais, na contemporaneidade, visto que sua composição visa a conferir credibilidade e, conseqüentemente, ampliar sua circulação. As FN possuem natureza discursiva que permite a legitimação de crenças de um determinado grupo social. Para Habermas (1987), legitimidade seria a existência de uma moral convencional que, por determinar normas prévias, gerais e vinculantes para todos, possibilitam o surgimento de um poder político que possa justificar a sua autoridade coercitiva. Assim, a fundamentação da autoridade do direito se daria devido a este entrelaçamento entre direito e moral. Então, inseridas no contexto político em que foram disseminadas, são proferidas para atender interesses particulares, principalmente de grupos que estavam de acordo com as ações do presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores durante a pandemia. Desta forma, as *fake news* podem ser capazes de legitimar, ou seja, conferir verdade e poder a tais interesses.

Para Van Dijk (2018), pode-se definir o poder social simplesmente como uma propriedade das relações intergrupais em termos do controle exercido por (membros de) um grupo ou instituição sobre as ações de (membros de) um outro grupo. Esse poder é baseado no acesso a recursos socialmente valorizados, como força, riqueza, renda, status ou conhecimento. Van Dijk (2018) ainda afirma que, além de consistir em formas de força ou poder coercitivo, esse controle é geralmente persuasivo: as ações dos outros são indiretamente controladas através da influência sobre condições mentais de ação, tais como intenções, planos, conhecimento ou crenças. Aliado a isso, está a pós-verdade – o sentimento de que é verdade o que se lê. Esses fenômenos se expandiram e se popularizaram devido à tecnologia e o fácil acesso a ela atualmente, e como consequência, pode-se observar mudanças comportamentais nas sociedades, em especial, no que diz respeito à política e à saúde.

O referencial teórico utilizado visa auxiliar na investigação acerca das *fake news* e da pós-verdade (D'ANCONA, 2018). Associada a essa perspectiva, amparamos, também, a nossa pesquisa na teoria do discurso e poder (VAN DIJK, 2018), pois esta traz uma contribuição para melhor compreendermos quais práticas discursivas institucionalizam a sociedade em relação a essa temática.

1.4 Fake news na sociedade brasileira: infodemia

A história da saúde no Brasil é marcada por diversas doenças no passado. Durante o período colonial, houve diversas enfermidades que mataram milhares de pessoas. Como as políticas públicas eram quase inexistentes, milhares morreram, marcando o país como um lugar doente. Com a chegada da Família Real portuguesa, esse cenário começou a mudar, pois foram criados cursos universitários ligados à área da saúde. Entretanto, a situação ainda era bastante caótica, visto que a questão sanitária ainda era precária. A partir do governo de Getúlio Vargas, com a criação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), o trabalhador de carteira assinada passou a ter benefícios na área da saúde (PAIN *et al.*, 2011). Uma grande mudança começava, mas ainda insuficiente.

Em 1953, houve a criação do Ministério da Saúde, outro grande passo para a mudança na estrutura da saúde pública no Brasil. No entanto, foi somente na década de 80, com o Movimento Sanitarista e a elaboração da Constituição de 1988 – prevendo saúde universal e de qualidade para todo cidadão em território brasileiro – que a saúde pública começou a ser vista como direito, sendo proporcionada pelo Sistema Único de Saúde. O Brasil começa a avançar no campo da saúde criando o acesso, gratuito, a campanhas de vacinação, a tratamentos, a atendimento médico hospitalar, aumentando a expectativa e qualidade de vida do brasileiro (PAIN *et al.*, 2011). Porém, esse cenário de avanço se vê ameaçado pela disseminação de *fake news* em diversos campos da saúde como tratamentos milagrosos para doenças graves e até mesmo, no cenário atual, com a covid-19. É a ciência sendo tratada com suspeição e tendo a sua credibilidade posta em dúvida.

A disseminação de *fake news* no que tange a saúde, se tornou um grande desafio que o Ministério da Saúde enfrenta. Um balanço divulgado em agosto de 2019 revelou que a instituição respondeu cerca de 11,5 mil dúvidas recebidas no *WhatsApp* criado exclusivamente para essa finalidade. Além desse recurso, o ministério também criou uma página na *internet*⁵ que visa informar aos usuários da rede sobre o que são *fake news* nas áreas da saúde. Entretanto, devido à facilidade em compartilhar o que é noticioso, além da pouca divulgação de *sites* que auxiliam na contestação desses tipos de notícias, o desafio aumenta a cada dia.

Apesar das *fake news* dominarem o cenário nacional desde as eleições presidenciais de 2018, elas sempre existiram. De acordo com Silva e Martins (2022),

A internet criou a falsa percepção de que a informação está disponível para quem acessa o mundo digital, mas a realidade não reproduz essa ideia. Em um país continental com diferenças de acesso à educação de qualidade, por exemplo, percebe-se que a internet e os meios de comunicação, muitas vezes, passaram a prestar um

⁵ Disponível em: <http://www.saude.gov.br/fakenews>. Acesso em: 13 jan. 2020.

desserviço à população. É evidente que se cria um espaço para que sujeitos sejam enganados com fins políticos, econômicos e sociais catastróficos para a população brasileira. (SILVA; MARTINS, 2022, p.29).

Um fator relevante nessa discussão é a dos atores sociais que compartilham as *fake news*. De acordo com Bentes (2018), todo o movimento de falsear, manipular, fraudar uma situação faz parte de uma textualização/discursivização, além de serem performatizadas por atores sociais de grande legitimação na sociedade e, por isso, passam credibilidade, validando as FN. Assim, deve-se considerar que o processo de produção, da recepção e da circulação das *fake news* ocorre entre indivíduos que partilham de uma mesma comunidade interpretativa (BENTES, 2018) cujos valores são semelhantes, logo, a adesão é mais rápida, facilitada, dando a sensação de credibilidade.

Além disso, as *fake news* têm o poder de distorcer a verdade, criar desordem e até mesmo induzir ao erro e, como consequência, impossibilita um debate, uma reflexão sobre os fatos (FREIRE, 2019). Essa situação foi claramente percebida desde o início da pandemia e em todos os seus estágios: detecção do vírus, propagação da doença, criação de vacinas e, por fim, a vacinação, sendo, em cada momento, as FN se modificando e se adaptando ao contexto e à situação comunicativa.

Aliado a isso, há também um cenário de forte polarização política, o que contribuiu consideravelmente para a politização da doença. Segundo Recuero *et al.* (2021),

a desinformação sobre Covid-19 é enquadrada principalmente como um assunto político-partidário, deixando a questão da saúde pública em segundo plano. Isso significa que as questões relacionadas à mitigação da pandemia, sua gravidade e mesmo as vacinas são debatidas como um assunto político, onde é preciso adotar “um lado” e não como um assunto de saúde pública, onde todos precisam cooperar. Como consequência, as ações de controle da propagação do vírus (como medidas de distanciamento e o uso de máscara) são entendidas como ações ideológicas, sendo rejeitadas por alguns grupos mais radicais. Este contexto também favorece que a desinformação sobre Covid-19 circule nas redes de desinformação política já estabelecidas nas mídias sociais, que são particularmente polarizadas. (RECUERO *et al.*, 2021, p. 5).

Esse cenário foi fundamental para o país ter chegado à situação de caos na saúde pública e com altos números de contaminações e de mortes. Isso mostra o poder nefasto que as FN podem exercer em uma sociedade a depender do contexto em que elas circulam. A política da pós-verdade, em seu estado mais puro, trouxe “o triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples sobre o honestamente complexo” (D’ANCONA, 2018, p. 29). Assim, a resposta do público é preocupante, já que tem se perdido a busca pela verdade, em detrimento do que se espera ser verdade. Um exemplo que reflete isso é a atual conjuntura referente à

covid-19, no Brasil, onde as *fake news*, aliadas à pós-verdade, tiveram um terreno fértil para se reproduzirem e gerarem mentes alienadas e, conseqüentemente, desinformadas.

Em um cenário atípico, vê-se que a circulação de informações ultrapassa o limite do habitual e se torna excessiva e no contexto de pandemia não é diferente.

A conjuntura sócio-histórica-cultural serão determinantes para a produção de um dado discurso; é o que acontece quando se fala das *fake news*. Com a descoberta da covid-19 no final de 2019, na China, o volume de informações aumentou consideravelmente e se alastrou nas mídias sociais. Com isso, houve o favorecimento da ampla circulação de FN acerca do coronavírus, visto que pouco se sabia até então sobre a doença. Com o passar do tempo, algumas dessas FN foram desmistificadas, mas outras perduraram, sendo responsáveis por gerar comportamentos inadequados de algumas pessoas frente a uma questão de saúde pública, como o não uso de máscaras e até mesmo a ingestão de medicamentos ineficazes – e até prejudiciais à saúde. Essa circulação excessiva de informações circulando amplamente na mídia a Organização Mundial de Saúde nomeou de “infodemia”. Entende-se por “infodemia”

um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa. A palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus. (OPAS, 2020, n.p.).

Devido à gravidade do vírus Sars-Cov-2 e do conhecimento científico ainda impreciso acerca da ação do vírus, abriu-se espaço para esse cenário de “infodemia” nas mídias sociais. O vírus Sars-CoV-2 foi detectado em dezembro, na cidade de Wuhan, na China. Por se tratar de um vírus com alto potencial de disseminação, em pouco tempo se alastrou pelo mundo, portanto, no dia 11 de março de 2020, Organização Mundial de Saúde declarou que estávamos diante de uma pandemia global causada por coronavírus. Diante desse contexto, foi possível perceber que a disseminação em massa não era apenas do vírus, mas também de informações enganosas, com potencial de desinformar a população.

Assim, as *fake news*, por circularem rapidamente, e com seu potencial de alcance mais alto do que a verdade, atingem ao seu público-alvo – que foi previamente pensado – com maior eficácia. O que podemos observar, nesse cenário, é a politização da pandemia da covid-19 e isso contribuiu para esse contexto de “infodemia”, uma vez que parte da população tende a concordar com indivíduos que reproduzem discursos que concordam com suas crenças pessoais. Pode-se ressaltar, também, os discursos falsos proferidos por alguns políticos de

destaque. Aliado a isso, vivenciamos um contexto no qual temos a falsa sensação de estarmos bem informados, já que nos encontramos na era da informação. Esse excesso, se mostra um problema quando se trata de pessoas com dificuldades, ou até mesmo limitações, em compreender a necessidade de verificação do que se lê na *internet*, em particular, nas mídias sociais. De acordo com Finatto, Silva e Esteves (2021), dentre tantas adversidades que vivenciamos nesse cenário, uma delas

é a falta de condições de as pessoas entenderem, qualificada e criticamente, a informação que recebem e separarem informação de desinformação, pois ambas podem ser linguisticamente parecidas, apelarem para conhecimentos e crenças que podem confundir os leitores/ouvintes. (FINATTO; SILVA; ESTEVES, 2021, p. 349).

Sendo assim, as FN, ao serem produzidas, podem trazer em sua composição elementos que vão apelar para a(s) crença(s) do leitor. Como consequência, esse compartilhará a desinformação, propagando discursos equivocados e, com isso, dificultando o papel da ciência em fazer o seu papel de orientar corretamente a população sobre o vírus.

Como a ciência, infelizmente, não consegue produzir respostas com a mesma velocidade de distribuição das *fake news*, as incertezas encontram terreno fértil na insegurança da população, favorecendo a criação e a propagação das *fake news*, pois estas conseguem atender a essa necessidade dos indivíduos. Conforme Vasconcellos-Silva e Castiel (2020), esse cenário contribui para a proliferação de

versões distorcidas de conceitos e fatos científicos, que adotam formas narrativas e retóricas extraordinariamente plausíveis que vicejam em meio à escassez de conteúdos orientadores sobre práticas de biossegurança em período de pandemia. (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL, 2020, p. 2).

Ao desacreditar a ciência e sobrepor a desinformação, as FN comprometem gravemente protocolos de segurança de combate à propagação do coronavírus, o que coloca em risco a saúde da população.

A infodemia compõe-se de fatos verdadeiros, que, por serem divulgados repetidamente por meio de diversas fontes, acabam fazendo parte também do bombardeio de informações que atingem os indivíduos. Em uma pesquisa, Silva (2020) constatou que há casos de informações verdadeiras também que circulam pelas mídias, mas que são mal interpretadas e repassadas tornando-se falsas. Há também informações falsas criadas com o objetivo de serem interpretadas como notadamente falsas, mas que acabam sendo lidas e repassadas como verdadeiras. Entre essas variáveis, “sendo a informação verdadeira ou falsa, acaba não

informando de fato os usuários-cidadãos, mas sim desorientando-os e deixando-os falsamente cientes” (SILVA, 2020, p. 157).

Freire *et al.* (2021) afirma que nesse contexto infodêmico, a propagação de notícias falsas ou fantasiosas pode ocorrer como um viés de confirmação, que leva os indivíduos a buscarem informações que ratifiquem as suas próprias crenças. Não obstante, levando em conta a polarização da discussão sobre a covid-19 no Brasil, é notável a produção em larga escala de *fake news* sobre a pandemia, de maneira deliberada, intencional e criminosa, com o objetivo de enganar, manipular, ludibriar e negar a realidade, por razões políticas, econômicas e ideológicas. Esse problema foi agravado sobremaneira, a partir do momento que governantes de diversos países passaram a difundir notícias sem fonte confiável, além de orientar o uso de medicações sem eficácia comprovada para o tratamento da covid-19 (FREIRE *et al.*, 2021).

Ferreira (2022) afirma que processos infocomunicacionais promovidos pelo avanço tecnológico contribuíram com a propagação de *fake news* em massa promovendo a infodemia, principalmente, nos canais eletrônicos de comunicação, revelando-se como um problema social, uma vez que a informação falsa ou manipulada interfere diretamente no comportamento dos sujeitos. Ele observou, em suas pesquisas, que

as análises de fatos sociais no contexto da pandemia da COVID-19 evidenciam a correlação entre desinformação, infodemia e caos social, tendo em vista que os problemas não se limitam apenas às questões de saúde pública, mas também contribuem para uma desestabilização das relações político-econômicas e sociais. (FERREIRA, 2022, p. 51).

Para Freire *et al.* (2021), uma forma de aplacar os efeitos deletérios da infodemia seria o emprego da infodemiologia, que seria o

ramo da ciência da comunicação que se dedica a mergulhar fundo na internet, à procura de conteúdos relacionados à saúde pública, fornecidos por usuários comuns, com a finalidade de analisar esse conteúdo para melhorar a comunicação e a prestação de serviços de saúde pública. (FREIRE *et al.*, 2021, p. 4067).

A infodemiologia seria responsável por monitorar informações, estimular a alfabetização sobre saúde e ciência, incentivar processos de aprimoramento das notícias, traduzir o conhecimento científico e fazer checagem e revisões sistemáticas, para minimizar os fatores de distorção e desinformação (FREIRE *et al.*, 2021).

Observamos que as fake news tem uma relação direta com a infodemia no contexto da pandemia e que essa série de informações em massa é capaz de mudar a crença e o comportamento das pessoas promovendo uma série de ações que podem trazer graves consequências tanto na saúde de uma população como na esfera social e política.

Nas próximas sessões iremos apresentar aspectos importantes sobre argumentatividade e elementos linguísticos que serão usados para análise das *fake news* desta pesquisa.

1.5 Argumentatividade e *fake news*

A argumentatividade é um aspecto essencial de um texto. No contexto das fake News, observar a argumentatividade é essencial, uma vez que essas são produzidas com o objetivo de persuadir o leitor a respeito de uma informação falsa. Por esta razão, iremos trazer alguns aspectos relevantes sobre argumentação para essa pesquisa.

Koch e Elias (2016, p. 24) afirmam que

a argumentação é o resultado textual de uma comunicação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva. (KOCH E ELIAS, 2016, p. 24).

A intenção de quem fala, ou escreve, perpassa pela argumentação, em geral, implicitamente no texto. Desta forma, tenta-se provocar uma mudança de comportamento no interlocutor (CHARAUDEAU, 2010). Para Charaudeau (2010), no modo de organização argumentativo é possível “a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo (quer essas asserções tratem de experiência ou de conhecimento), numa dupla perspectiva de razão demonstrativa e razão persuasiva” (p. 207).

As *fake news* se materializam no texto por meio do discurso. As novas mídias, em especial o *WhatsApp*, mostram-se propensas a abrigá-las, visto que existe a necessidade de uma dispersão rápida e ampla do que é produzido para que haja grande adesão ao que se publica, pois, assim, torna-se mais fácil desinformar e, conseqüentemente, dominar indivíduos. No entanto, é importante dizer que muitos desses discursos são sutis, pois investem e reinvestem a linguagem de diferentes formas e níveis, visando formas de manipulação eficazes em relação aos falantes/escritores/interactantes.

É preciso pensar, também, que o discurso das *fake news* obtém o controle sobre a construção da realidade humana. De acordo com Batista (2019),

as Fake News (sic) também detém um controle sobre os sistemas de linguagens, que influenciam na produção da realidade. Dessa maneira, na proporção em que concebe a realidade através das práxis, ela vai também somando valores a essa realidade, dando-lhe um sentido valorativo. (BATISTA, p. 22, 2019).

Com esse controle, é possível criar e recriar um imaginário, confirmar crenças e ideologias, moldando, assim, os comportamentos, as atitudes e os hábitos das pessoas. Nesse sentido, a argumentatividade no texto, no momento de sua produção, mostra-se importante, pois é por meio dela que o locutor irá convencer e persuadir o seu interlocutor a ter ações inadequadas frente a situações específicas, como é o caso da pandemia de covid-19. De acordo com Koch (2004, p. 17), “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. É nela que o locutor irá elaborar o discurso nas FN que pode ter motivações diversas. Ainda segundo a autora,

por meio do discurso – a ação dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso, subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. (KOCH, 2004, p. 17).

Desta forma, neste trabalho partimos da premissa de que as FN são argumentativas, já que têm a intencionalidade de enganar e manipular, de modo a influenciar as ações e comportamentos dos seus interlocutores em prol de questões políticas e, em muitos casos, ideológicas, como foi o caso da pandemia do coronavírus. Vimos uma politização da doença que polarizou ainda mais os grupos que têm visões opostas sobre situações específicas. Isso afeta profundamente a democracia. Para controlar o discurso público, conforme Van Dijk (2018, p. 23), é preciso controle “da mente do público e, portanto, indiretamente, controle do que o público quer e faz. Não há necessidade de coerção se se pode persuadir, seduzir, doutrinar ou manipular as pessoas”. Assim, as FN, por produzirem discursos tácitos de manipulação, por meio da argumentação, podem ser capazes de dominar o público-alvo com desinformação e isso é perceptível no campo político, uma vez que políticos mal-intencionados se aproveitam dessa oportunidade de manipulação para controlar a população através do medo e da desinformação.

Não pretendemos aqui aprofundarmos aspectos teóricos da argumentatividade, mas observamos a forma de manipulação e persuasão das *fake news* por meio de aspectos textuais linguísticos, com base na linguística textual. Assim, prosseguiremos nas próximas seções fazendo os principais apontamentos acerca dos aspectos que serão analisados posteriormente nos textos selecionados.

1.6 Aspectos textuais linguísticos

Partindo da perspectiva de que as *fake news* são de natureza argumentativa, consideramos relevante observarmos os aspectos textuais linguísticos como base para o desenvolvimento da análise textual.

Com o avanço tecnológico e sua democratização, parte da população passou a ter acesso à *internet* de forma fácil e descomplicada. Da mesma forma, o acesso à informação, que outrora era restrita aos meios de comunicação impressos – e pagos – e televisivos, passou a figurar no meio virtual e ganhou força e adeptos. No entanto, essa facilidade, aliada à velocidade com que as notícias se disseminam, potencializou as *fake news*. De acordo com O'Brien *et al.* (2018, p.1) “a capacidade dos indivíduos de se tornarem criadores e editores de conteúdo e a velocidade da fonte de propagação das notícias online, levou à disseminação das chamadas notícias falsas”. Assim, para ser bem sucedido, o conteúdo enganoso a ser disseminado deve ter características linguísticas que atraiam a atenção e seduzam o seu público-alvo.

Como discutido anteriormente, as *fake news*, no cenário de pós verdade, espalham-se rapidamente, em especial, nas mídias sociais. Essa difusão só é possível porque a linguagem utilizada apela para a emoção em detrimento da razão dos indivíduos. Rashkin *et al.* (2017) afirmam que “nas *fake news* podem ter um caráter mais subjetivo, com uso de primeira e segunda pessoas, e exagero na linguagem, com uso de superlativos, e verbos modais”. Frases de efeitos, letras maiúsculas, sensacionalismo, com uma linguagem simplificada, também configuram linguisticamente parte das *fake news* que circula nas mídias sociais. Essa padronização na linguagem é efeito da pós-verdade, uma vez que esta, conforme já discutido, recorre às emoções dos indivíduos. E, pelo fato de essas notícias falsas serem disseminadas por pessoas do ciclo social de confiança dos participantes, facilita não apenas a crença, mas também a sua difusão.

Notícias falsas têm características linguísticas diferentes das verdadeiras. Conforme Zhou e Zafarani (2020, p. 2), “uma declaração falsa difere em qualidade e estilo de escrita de uma verdadeira”. Diante disso, a Linguística de Corpus (LC) se mostra relevante na análise linguística das *fake news*, uma vez que essa área visa a analisar textos produzidos por falantes reais da língua. Oliveira (2009) discute que a LC aborda a linguagem enquanto fenômeno social e que é

analisada a partir de atos concretos de comunicação, isto é, textos reais, buscando o significado onde este é negociado, ou seja, no discurso. Esta perspectiva própria sobre a linguagem, fenômeno que estuda, e uma maneira específica de fazer pesquisa, ou seja, através do estudo de textos reais. (OLIVEIRA, 2009, p. 49).

As notícias falsas são uma realidade presente no contexto tecnológico atual. Os textos e, conseqüentemente, os discursos ali produzidos e reproduzidos devem ser analisados não somente pela perspectiva dos gêneros discursivos, mas também da LC, pois, além de se ter uma análise completa, aprofundada, contribui para mapear características linguísticas recorrentes nas *fake news*, facilitando a identificação desse gênero. Conforme Silva e Martins (2022), as FN

possuem uma linguagem acessível à população em geral e, dessa forma, entender como elas funcionam linguisticamente pode ajudar na facilitação de textos complexos e até mesmo a entender como textos e notícias falsas atraem os leitores. (SILVA; MARTINS, 2022, no prelo).

Portanto, ao investigarmos as características linguísticas das FN, será possível identificar elementos importantes na construção das mensagens que circularam no *WhatsApp* no início da pandemia e, assim, mapearmos uma possível recorrência dos mesmos.

Os aspectos que serão considerados nos aspectos textuais linguísticos são: Fatores de Textualidade, Acessibilidade Textual, Legitimação e Formulação de Casos Extremos. Nas próximas seções iremos discorrer sobre cada um deles.

1.6 Fatores de textualidade

Consideramos os fatores de textualidade uma base importante para as análises de *fake news*, uma vez que a característica fundamental dos textos, orais ou escritos, que faz com que eles sejam percebidos como textos, e a textualidade, é construída pelos participantes da interação verbal. Em um texto, o produtor tem objetivos comunicativos; o ouvinte/leitor tem expectativas e disposições para compreender a mensagem (COSTA VAL, 1996). No caso das *fake news*, há uma informação a ser transmitida com a intenção de que seja recebida com veracidade. Do outro lado, há o leitor que poderá credibilizar ou não essa informação, dependendo da sua leitura de mundo e tendência a se identificar com determinadas crenças

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), dois blocos de sete fatores são os responsáveis pela construção da textualidade de qualquer texto: fatores relacionados com o material conceitual e linguístico do texto (coerência e coesão) e fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade). Alguns dos fatores de textualidade serão mais importantes que outros para as nossas análises pela recorrência, portanto, consideramos importante esboçarmos os principais aspectos que se relacionam com o *corpus* da pesquisa.

Para Beaugrande (1981), a situacionalidade não apenas determina o contexto interpretativo, como é um meio de orientação para a própria produção, funcionando como critério estratégico. Assim, define-se quem fala/escreve, quem é o ouvinte/leitor, com que objetivo se fala/escreve. A situação comunicativa definirá então outros critérios para a construção textual. Koch (2016) afirma que a situacionalidade é um conjunto de fatores que tornam um texto relevante para uma situação comunicativa corrente. Ou seja, a situacionalidade é responsável por fornecer informações importantes para a construção do sentido. No caso das FN, a situacionalidade se define por meio do contexto da pandemia e do direcionamento da notícia ao público-alvo que se vê diante de um vírus que se espalha rapidamente pelo mundo causando uma doença que pode levar à morte. Assim, a construção da situacionalidade nesses textos é fundamental para que as FN consigam ser aceitas como verdade pelo leitor. Enquanto a intencionalidade refere-se à intenção do produtor do texto, a aceitabilidade refere-se à aceitação do receptor à informação que ele recebe e depende mais da interação autor/leitor do que do texto em si. A intencionalidade e a aceitabilidade estão diretamente relacionadas com a situacionalidade, pois quem escreve direciona o conteúdo para o público/leitor que deseja alcançar (BEAUGRANDE, 1981). Apesar da aceitabilidade não ser um dos fatores de textualidade mais relevantes dessa pesquisa, de modo geral ela está presente no contexto das FN, uma vez que essas precisam ser recebidas com credibilidade pelo leitor para que a informação possa ser repassada adiante para outros leitores pelo *whatsapp*.

A informatividade não se mostra tão relevante para as nossas análises, uma vez que as FN não têm o objetivo de informar, apesar de se apresentarem como um texto informativo. Marcuschi (2008) afirma que a informação é um tipo de conteúdo que, quando apresentado ao leitor/ouvinte, assume um efeito de sentido. Assim, deve-se entender a informatividade enquanto grau de expectativa e de conhecimentos que são ofertados no texto. Ao produzir um texto, o interlocutor, além de se ater ao conteúdo a ser transmitido, também reflete sobre a escolha do grau de novidade, de saberes a serem partilhados, do que é óbvio e do que não o é, do que já faz parte dos conhecimentos dos leitores/ouvintes ou não. São os interlocutores, os objetivos da produção textual e a própria situação de motivação na finalidade comunicativa que determinarão o fator da informatividade (MARCUSCHI, 2008). Entretanto, consideramos importante salientar que ainda que as FN não tenham o objetivo de informar, mas de repassar informações falsas, a informatividade está presente no momento em que o leitor precisa ter uma série de informações para a construção de sentido desse tipo de texto. Essas informações prévias

que ele pode já ter sobre a pandemia, a covid-19 e o coronavírus farão com que ele tenha capacidade de receber as FN como falsas ou verdadeiras.

A intencionalidade é um fator importante para a análise das FN, pois está atrelada à intenção do escritor/falante, que se utilizará dos vários recursos linguísticos e discursivos, além de deixar presente em menor ou maior grau a sua subjetividade a partir do gênero e da finalidade comunicativa. Para Beaugrande, “um texto pode não realizar uma intenção como ganhar um argumento, ou a mensagem pode ser desacreditada ou negada, mas o evento foi intencional e aceito como texto” (BEAUGRANDE, 1997, p. 14, tradução nossa). Marcuschi (2008) afirma que a intencionalidade é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize na sua totalidade, especialmente na conversação usual. E aí irá residir a intenção do produtor do texto. Para Koch e Elias,

argumentar pressupõe intencionalidade e aceitabilidade, ou seja, de um lado, há aquele que constrói argumentos para influenciar o interlocutor e conseguir seu intento; e de outro, aquele que é alvo desse processo, o interlocutor, e que tem a liberdade de considerar ou não a validade dos argumentos, de aceitar ou não a tese defendida, numa postura que em nada remete à ideia de passividade, nem simplesmente à emoção. (KOCH; ELIAS, 2016, p. 34)

Outro fator de natureza sociodiscursiva importante na constituição de um texto é a intertextualidade. No caso das FN, a intertextualidade é importante pois é recorrente o uso de informações científicas ou outros discursos para trazer credibilidade para a notícia e aumentar a aceitação por parte do leitor como verdade. Para Koch e Elias (2014, p.101) “todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória dos leitores”. Assim, pode-se afirmar que todo texto traz em si uma rede de significados de outros textos preexistentes. E isso caracteriza a natureza dialógica de todo texto. Kristeva (1974, p.64) afirma que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.”. Segundo Fiorin (2003, p. 30), “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”. Observar quais outros textos estão sendo usados nas FN é importante para as análises desta pesquisa para que se entenda de que maneira a argumentatividade é construída para que o leitor seja persuadido a acreditar nas notícias analisadas.

A coerência não é um fator tão relevantes para as nossas análises, mas consideramos importante situá-la, pois todo texto é permeado por ela. A coerência possibilita que se estabeleça um sentido do texto para o leitor/ouvinte, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretatividade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação (KOCH; TRAVAGLIA, 1991). Já a coesão se constui como uma base importante para as nossas análises,

pois pretendemos dar destaque para elementos linguísticos como substantivos, adjetivos, advérbios e verbos, uma vez que esses parecem ter um uso mais recorrente nas *fake News*.

A coesão engloba os recursos materiais da língua dos quais nos utilizamos para construção material do texto. São os mecanismos gramaticais e lexicais que englobam a concordância, a correlação entre os tempos e modos verbais, utilização correta das conjunções conforme o sentido proposital, a concordância nominal por meio dos artigos, substantivos e adjetivos.

Koch (1994) divide a coesão em duas grandes modalidades que são: a coesão referencial e a coesão sequencial. A coesão referencial é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. “Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual”. (KOCH, 1994, p. 30).

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 1994). Para Koch (1994), a coesão referencial é aquela em que um determinado elemento do texto se refere a outro do mesmo texto. O primeiro elemento, ela chama de forma referencial e o segundo, de referente textual. Já a coesão sequencial é aquela que se refere às questões linguísticas que estão dispostas em uma determinada sequência no interior do texto, entre as quais são estabelecidas as relações semânticas e, também, as pragmáticas. Em outras palavras, a coesão referencial é aquela que se realiza por meio de aspectos semânticos, enquanto a sequencial se realiza por meio de elementos conectivos. Desta forma, esses dois tipos de coesão deverão ser observadas nos textos selecionados.

Os fatores de textualidade são muito importantes para as análises das *fake news* pois por meio deles é possível observar os mecanismos que os produtores desses textos utilizam para tentar convencer o leitor/ouvinte de que as notícias propagadas são verdadeiras. É importante considerarmos que durante as análises alguns fatores se revelarão mais importantes que outros e alguns inclusive poderão não ter relevância alguma. No entanto todos eles devem ser consideramos como possíveis instrumentos de análise.

Nas próximas seções apresentaremos outros aspectos que serão relevantes para as análises.

1.7 Acessibilidade Textual Terminológica (ATT)

De acordo com Finatto (2022, p. 21), “informar não é sinônimo de comunicar, principalmente se o que se informa o destinatário não consegue compreender”. Pensando nisso, a professora e sua equipe se engajaram na pesquisa sobre Acessibilidade Textual Terminológica (ATT), na qual a informação escrita deve ser “apresentada em uma linguagem simples, em uma forma compatível com as necessidades e condições de aproveitamento e compreensão das pessoas que a buscam” (p. 21). Por isso, este estudo é relevante para a sociedade, já que um cidadão que tem dificuldades de compreensão, por não ter tido a oportunidade de ampliar os estudos, não pode ter um conhecimento técnico negado. É importante ressaltar que a acessibilidade não se limita apenas a pessoas com deficiências. Precisa-se ampliar esse sentido no que diz respeito à linguagem também e é essa a proposta da pesquisadora.

Finatto (2017) afirma que ao mencionar a ATT, está se referindo à um ideal de bom funcionamento de um dado tipo de texto para um determinado tipo de leitor.

Um texto será acessível, no seu todo e nas suas terminologias, se for capaz de apresentar informações de forma clara não só para o seu público-alvo, mas também para leitores não típicos ou medianos. Quando mencionamos a ATT, pensamos num ideal de bom funcionamento de um dado tipo de texto para um determinado tipo de leitor. Um texto será acessível, no seu todo e nas suas terminologias, se for capaz de apresentar informações de forma clara não só para o seu público-alvo, mas também para leitores não típicos ou medianos. (FINATTO, 2017, p.332).

Finatto (2017) ainda acrescenta que a ATT envolve reflexões filosóficas, políticas, epistemológicas e linguísticas, uma vez que é possível questionar se uma reescrita simplificada é capaz de deturpar um escrito original. Também deve-se questionar se haveria uma forma nova e original para dizer um mesmo conteúdo.

[...] a simplificação textual e a ideia de uma acessibilidade textual e terminológica [...] são caminhos para implantar ações que democratizem o acesso ao conhecimento, dinamizando e transpondo os resultados das pesquisas produzidas no âmbito da academia para a realidade da população brasileira em geral, ajudando-a no seu processo de amadurecimento linguístico. Afinal, simplificar um texto pode, sim, ser uma atitude impulsionadora para que, a partir de um ponto inicial, o indivíduo busque – e consiga – aumentar seus níveis de letramento. (FINATTO; EVERS; STEFANI, 2016, p. 155-6).

Sabe-se que, no Brasil, uma parte da população tem dificuldades na leitura e interpretação textual. Assim, quando falamos de linguagem científica é importante que haja uma tradução das pesquisas de modo a torná-las acessíveis a todas as camadas, em especial àquelas de pessoas com baixa escolaridade. Nesse sentido, ao tratarmos da pandemia da covid-19, em seu estágio inicial, fazia-se necessário que todas as informações sobre a doença – prevenção, contágio, cuidados em caso de contaminação – fossem claras e alcançassem a todos

na sociedade. Segundo Fromm (2022, p. 8), “é importante pensar, nesses contextos de comunicação entre um especialista e um não especialista, na ideia de adequação do texto como um todo, ou, mais especificamente, de uma adequação textual para diferentes públicos”. Diante disso, era necessário que a linguagem científica fosse clara e acessível a todos e, com isso, viu-se esforços dos jornalistas, do Ministério da Saúde e de várias entidades para que o conhecimento chegasse a todos.

Entretanto, sabendo das dificuldades já mencionadas, os produtores de *fake news*, ao terem em mente seu público-alvo, apropriaram-se de informações sobre a covid-19 ao longo da pandemia e elaboraram textos de fácil compreensão, com linguagem simplificada para que circulasse amplamente pelo *WhatsApp*. Aliado a isso, como esse aplicativo tem grande adesão dos usuários de smartphones, além do compartilhamento simples, facilitou-se o disparo e disseminação das FN sobre covid-19. Conforme Finatto (2022),

dada a mobilidade e a disseminação da informação, especialmente pelo advento da internet e das redes sociais e com a popularização do uso de telefones celulares, torna-se importante ter em mente não só um leitor mais específico, mas considerar vários leitores associados a um leitor inicialmente previsto. (FINATTO, 2022, p. 21).

Embora a autora não discorra, em sua pesquisa, sobre a acessibilidade das FN, a sua teoria ajuda a explicar a linguagem acessível utilizada nas FN que circulam nas mídias sociais, em especial, o *WhatsApp*, visto que este, por se tratar de um aplicativo de mensagens que se apropriou de características do chat, cria um laço de confiança entre os participantes da conversa, e isso favorece a aceitação e o compartilhamento do que se recebe.

Neste capítulo contextualizamos as *fake news* no cenário pandêmico brasileiro e sua forma de disseminação pelo whatsapp. Também discorreremos sobre os tópicos que formam a base teórica das análises que serão apresentadas no terceiro capítulo que são: a argumentatividade, os fatores de textualidade, a acessibilidade textual e a formulação de casos extremos. No próximo capítulo apresentaremos o caminho metodológico desta pesquisa.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como apresentado anteriormente, o objetivo desta pesquisa é o de observar como as *fake news* selecionadas podem afetar a construção de sentido, modificando as ações dos leitores durante a pandemia, por meio de análises de características linguísticas dos textos. Para alcançarmos este fim, optamos como metodologia a pesquisa qualitativa, pois ela oferece “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DEZIN E LINCON, 2006, p.17), uma vez que existe uma preocupação em verificar como determinados fenômenos se manifestam nas “atividades, procedimentos e interações diárias (GODOY, 1995, p. 63). Ademais, esse tipo de pesquisa se centra nos aspectos da realidade que não podem ser quantificados e, portanto, busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, além de trabalhar com crenças, valores e atitudes de uma sociedade que se encontra inserida no universo tecnológico (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A presente pesquisa é, também, de cunho documental por trazer dados de natureza informal, porém isso não desconsidera a relevância dos textos selecionados, já que, além de mostrarem o que é importante para um grupo de pessoas inseridas na sociedade, apresentam, também, suas ações e a dos outros (BAUER; GASKELL, 2002). O material empírico são mensagens que circularam no *WhatsApp* no início da pandemia de covid-19. Destaca-se que a pesquisa de caráter documental busca compreender “de forma indireta por meio da análise dos inúmeros tipos de documentos produzidos pelo homem” (SILVA *et al.*, 2009, p. 4555). Assim, as *fake news* podem ser consideradas documentos informais, mas passíveis de análises, visto que são fontes que possibilitam o conhecimento das mudanças sociais e culturais no que diz respeito à covid-19.

Além disso, caracteriza-se por ser descritivo, pois “procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52). Pretendemos analisar os aspectos linguísticos presentes nas *fake news* estabelecidas como *corpus* para este estudo, já que estes podem nos apontar caminhos para apurar recorrências linguísticas e, assim, termos uma análise mais ampla e completa de como as *fake news* se materializaram, pois estas também possuem estrutura e estilo particulares que podem funcionar como suporte para inferência de credibilidade de notícias e, com isso, gerar mais desinformação.

Burgoon *et al.* (2003) discutem que é possível, por meio da análise linguística, identificar padrões nas *fake news*, visto que estas possuem características e atributos

linguísticos. De acordo com os autores, “comportamento linguístico segue o exemplo e também demonstra sua incapacidade para criar mensagens ricas em detalhes e complexidades que caracterizam um discurso verdadeiro” (BURGOON et al., 2003, p.6).

Marquardt (2019), argumenta que é preciso observar a frequência das palavras nos textos analisados (se há mais afirmações positivas ou negativas), a quantidade de palavras nas frases do texto, qual função sintática e a proporção delas e, principalmente, o nível de complexidade do texto. Para o autor,

a análise permite determinar quantas palavras no texto têm um sentimento positivo e quantos são descritos como negativos. Além disso, permite a identificação das emoções dominantes no texto (positivas e negativas), onde uma palavra pode ser um conglomerado de várias emoções. Portanto, o número de palavras com, por exemplo, um sentimento positivo não será igual ao número de emoções positivas no texto fornecido (o número de emoções geralmente é maior). O que também foi determinado é o número de palavras no texto para criar o índice de saturação do texto com emoções dependendo de seu comprimento. (MARQUARDT, 2019, p.105-106).

Entende-se que quanto mais simples e acessível for a linguagem utilizada nos textos falseados, maiores as chances de alcançarem o público-alvo com sucesso. Em consonância, Tompkins (2018) defende, além da ideia de palavras que sinalizam sentimentos positivos e negativos, que as características lexicais e, conseqüentemente, sintáticas, podem contribuir para detectar indícios de falseamento no texto. Para ele,

uma característica comum de artigos de notícias falsas é a linguagem inflamada e carregada de emoção. Sentimento positivo ou negativo, ocorrências altas de pronomes pessoais e sensacionalismo (click-isca) linguagem são exemplos de características psicolinguísticas de notícias falsas. (TOMPKINS, 2018, p.7).

Discorreremos, na sequência, sobre como se deu a construção e análises do corpus selecionado.

2.1 Construção do *corpus*

Nosso *corpus* é constituído por nove *fake news* sobre coronavírus e covid-19 que circularam no aplicativo de mensagens *WhatsApp* entre os meses de janeiro e março de 2020, início da pandemia da covid-19. Esse material foi pesquisado em páginas de checagem de informações como *Agência Lupa*, *E-farsas*, e *Boatos.org*, *Saúde sem Fake News*, do Ministério da Saúde, além de jornais de ampla circulação, assim como páginas de saúde com credibilidade, visto que era fundamental a certeza de que o material selecionado se tratava de *fake news*. Cabe ressaltar que os *links* que acessam a página *Saúde sem Fake News*, do Ministério da Saúde,

foram retirados do ar, assim, as FN coletadas para esta pesquisa não estão mais disponíveis para acesso no *site*. A página ainda existe, porém, está com outro formato e sem as FN sobre covid-19 que foram esclarecidas. Na seleção, a ideia era buscar mensagens que falassem sobre o coronavírus, formas de contágio, disseminação, tratamento, cuidados em caso de contágio e cura. Além disso, procuramos mensagens que tratassem de políticas públicas em relação ao distanciamento social, visto que este afetou seriamente a economia brasileira. Na análise, pretendemos observar como essas mensagens visavam convencer o público-alvo, por meio de estratégias de manipulação social, de que uma mentira, por mais absurda que possa parecer, é real. Assim, essa manipulação pode ter contribuído para parte da população não ter adotado os protocolos de segurança quanto à disseminação da covid-19.

Para ajudar na análise textual das mensagens selecionadas, utilizamos o *software* AntConc que mapeia as palavras e a frequência com que elas aparecem no texto. Inicialmente, fizemos a contagem de cada mensagem selecionada e verificamos a recorrência das palavras ali presentes. Posteriormente, contamos as palavras que mais apareceram em todas as mensagens para, assim, observarmos as recorrências linguísticas das mensagens. Ainda que o *corpus* de análise seja pequeno, ainda sim consideramos relevante realizar o mapeamento e a contagem das palavras com o AntConc, uma vez que o *software* viabiliza uma maior exatidão nessa sistemática.

A seleção das mensagens, como dito anteriormente, se deu a partir de *sites* de *fact-checking*, pois precisávamos ter certeza de que as mensagens que estavam circulando eram realmente falsas. Assim, é importante entendermos os critérios que cada agência adota para a verificação das notícias que circulam nas mídias sociais.

O *site Agência Lupa* pertence à Revista Piauí e tem como objetivo checar as informações que circulam na *internet*. Cada notícia que é veiculada na página recebe uma etiqueta que visa indicar a situação daquilo que está sendo investigado. Há nove variações: *Verdadeiro*; *Verdadeiro, mas, Ainda é cedo para dizer*; *Exagerado*; *Contraditório*; *Subestimado*; *Insustentável*; *Falso*; e *De olho*. Para a presente pesquisa, foram selecionadas apenas aquelas cujas etiquetas constavam *Falso*.

O *site E-farsas* checa a veracidade das notícias desde 2002. A página é mantida por um analista de sistemas que visa usar a *internet* para desmistificar boatos criados e que circulam na própria *internet*.

O *site boatos.org* é composto por uma equipe de jornalistas que se mostram preocupados em descobrir a verdade. Sendo assim, o grupo presta o serviço de checagem dos fatos para o usuário da *internet*.

Aos fatos é um *site* de *fact-checking* voltado a empresas e organizações da sociedade civil sem vinculação político-partidária. A página tem como foco checar os fatos de diversas áreas (social, política, educacional, entre outras) que sejam relevantes para a sociedade e para isso adotam sete passos de verificação das notícias.

Quadro 1 – Corpus selecionado para a pesquisa: saúde e política

GÊNERO	DATA	ASSUNTO	MÍDIA SOCIAL	SITE
Mensagem via WhatsApp	31 jan. 2020	Coronavírus	Whatsapp	https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/holofote/2020/01/31/interna-holofote.824720/coronavirus-infectou-chineses-na-feira-dos-importados-ora-nao-caia-n.shtml
Corrente de WhatsApp	23 mar. 2020	Distribuição gratuita de álcool em gel pela Ambev	Whatsapp	https://olhardigital.com.br/coronavirus/noticia/coronavirus-sete-fake-news-que-circulam-nas-redes-sociais/98425
Corrente de WhatsApp	23 mar. 2020	Vacina contra o coronavírus	Whatsapp	https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46585-governo-do-brasil-anuncia-vacina-do-coronavirus-e-fake-news
Corrente de WhatsApp	23 mar. 2020	Coronavírus não sobrevive a temperaturas acima de 26°C	Whatsapp	https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46576-coronavirus-morre-a-26-c-e-fake-news
Corrente de WhatsApp	23 mar. 2020	Tomar bebidas quentes para matar o coronavírus	Whatsapp	https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46577-tomar-ou-bebidas-quentes-para-matar-o-coronavirus-e-fake-news
Mensagem no Whatsapp	18 maio 2020	Itália foi a cura para o coronavírus	Whatsapp	https://coronavirus.bahia.fiocruz.br/e-falso-que-autoridades-italianas-descobriram-que-covid-19-e-causada-por-bacteria/
Corrente de WhatsApp	17 mar. 2020	Governo libera saques por causa do coronavirus	Whatsapp	https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-governo-liberou-saques-para-beneficiarios-do-bolsa-familia-por-causa-do-coronavirus/
Corrente de WhatsApp	23 mar. 2020	Governo faz cadastro para auxílio-cidadão	Whatsapp	https://aosfatos.org/noticias/governo-nao-iniciou-cadastro-para-auxilio-cidadao-de-r-200-contra-coronavirus/
Mensagem de WhatsApp	23 mar. 2020	Aplicativo coronavírus é inseguro	Whatsapp	https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46586-aplicativo-coronavirus-sus-do-governo-do-brasil-e-inseguro-e-fake-news

No Quadro 1, de configuração do *corpus*, encontram-se a seleção das nove *fake news* sobre a covid-19 e o Coronavirus que circularam no *WhatsApp*. Nelas, há uma tentativa de

legitimação do discurso das FN por meio de instituições e/ou possíveis autoridades na área da saúde. Recuero *et al.*, (2020) argumentam que “o espalhamento de desinformação também depende de estratégias discursivas, que servem para legitimação e aumento da visibilidade das mensagens que propagam desinformação”. Assim, as mensagens que circulam se utilizam desse recurso como manobra de persuasão do interlocutor, uma vez que parte da população não se preocupa em investigar o que recebe nas mídias sociais, mesmo que a mensagem venha de alguém próximo.

Para investigação, separamos as FN que circularam no início da pandemia – entre janeiro e março de 2020, para mapearmos as características linguísticas presentes nessas mensagens. As características linguísticas analisadas nesta pesquisa serão os fatores de textualidade, avaliando durante as análises quais são os mais ou menos recorrentes e quais surgem com mais potência nos textos. Substantivos, adjetivos, modos verbais e advérbios serão destacados uma vez que contribuem para emitirem juízo de valor, atribuir características e até mesmo comandos de compartilhamentos. Além disso, analisamos o uso de casos extremos como estratégia de persuasão, além da acessibilidade linguística na produção das mensagens, considerando que eles podem contribuir para argumentatividade presente nos textos. Analisamos, também, o uso da caixa alta, do negrito e do itálico, importantes recursos de destaque nas mensagens. Após isso, elaboramos um quadro comparativo dos elementos que se mostram mais frequentes – como, por exemplo, apelo a compartilhamento, linguagem acessível, inadequação vocabular, uso inadequado da norma padrão – pois, assim, conseguiremos estabelecer uma possível recorrência linguística nessas FN.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS

Neste capítulo, analisamos nove *fake news* que circularam amplamente no aplicativo *WhatsApp* entre os meses de janeiro e março de 2020, período inicial da pandemia de covid-19 no qual pouco se sabia sobre as formas de ação do vírus. As análises foram feitas separadamente e, ao final, elaboramos um quadro apresentando os elementos mais recorrentes entre as *fake news* analisadas que circularam no aplicativo em questão.

3.1 Mensagens do *whatsapp*

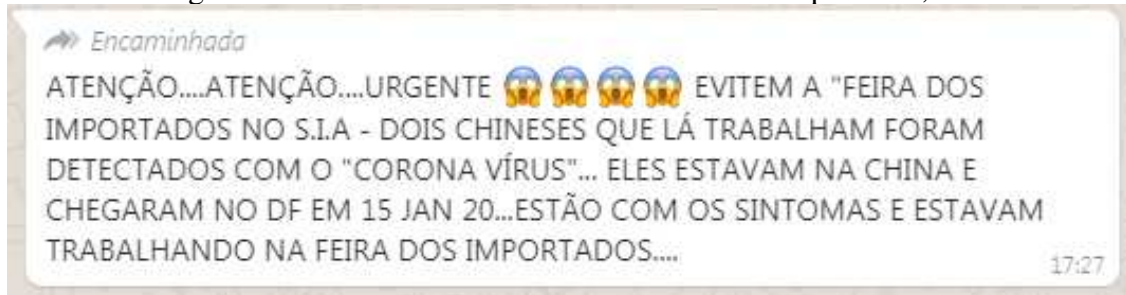
Por ser um aplicativo popular, o *WhatsApp* é um espaço no qual as interações se dão de várias formas. Além disso, o programa permite o fácil compartilhamento do que se recebe. Segundo d’Andrea (2020, p. 7), as plataformas *online* “atuam fortemente para reorganizar as relações interpessoais, o consumo de bens culturais, as discussões políticas, as práticas urbanas, entre outros setores da sociedade contemporânea”, como o da saúde.

As análises foram realizadas com base no agrupamento das categorias que consideramos mais relevantes para o *corpus* da pesquisa, com os seguintes objetivos:

- acessibilidade textual: observar se há a utilização da linguagem simplificada para tornar as mensagens mais acessíveis para o público;
- fatores de textualidade: observar como os leitores podem ser induzidos a receber as *fake News* como verdade por meio da utilização de estratégias discursivas por meio da análise da coesão, coerência, intertextualidade, informatividade, situacionalidade e aceitabilidade. Por meio da análise dos fatores poderemos observar quais deles são mais ou menos recorrentes e quais se apresentam com mais potência no *corpus*. Alguns elementos que mais recorrentes serão mais destacados, tais como uso de primeira e segunda pessoas, exagero na linguagem com uso de superlativos e verbos modais, além de frases de efeitos, letras maiúsculas, emoticons, negrito; substantivos, adjetivos, advérbios, verbos; e
- formulação de casos extremos: observar de que forma os casos extremos foram inseridos nas FN com o propósito de conduzir o leitor a uma busca de resolver o problema apresentado, legitimando a notícia falsa como verdade.

A Figura 1 circulou no mês de janeiro de 2020, período em que a pandemia ainda não havia sido decretada no Brasil. A mensagem traz um alerta sobre chineses que estavam contaminados com o coronavírus na Feira de Importados em Brasília.

Figura 1 – Chineses contaminados na Feira dos Importados, DF



Fonte: Correio Braziliense, 2020.

Na Figura 1, observa-se que o texto está escrito em caixa alta. Viscardi (2020, p. 1142) afirma que “o uso da caixa alta vem sendo lido nas redes como uma fala gritada; com isso, os manuais de “netiqueta” sugerem que seu uso seja “comedido” com vistas a evitar interpretação equivocada – hostil – do conteúdo enviado”. Nesse contexto, ao ser utilizada, induz o leitor a pensar que a notícia é importante e urgente, passando a ficar mais credibilizada. Silva e Martins (2022) afirmam que para que as fake news sejam propagadas, conta-se com diferentes artifícios de linguagem exagerada como uso de texto em caixa alta.

Observa-se também no texto a repetição das palavras “atenção” e “urgente”, o que pode ser considerado um intertexto de uma chamada de plantão jornalístico, com foco em captar a atenção do interlocutor. A intertextualidade é um dos fatores que confere unidade textual, a qual, de acordo com Marinho (1997, p. 92), “torna um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes. Na Figura 1, a FN em questão se apropriou de um elemento característico das chamadas jornalísticas para alcançar a atenção do seu interlocutor e fazê-lo reconhecer rapidamente a urgência da mensagem.

Ainda dentro dos fatores de textualidade, observamos que se destacam os mecanismos de coesão que são simples, não há usos recorrentes de conectivos, mas de reticências, o que facilita o grau de aceitabilidade do texto, uma vez que a linguagem utilizada é simples de ser compreendida. Há uso excessivo de reticências ao longo do texto. De acordo com Grantham (2001), as reticências não remetem a um dito, mas significam por si próprias como um silêncio que é repleto de sentidos que podem ser construídos pelo autor, pelo leitor, de outros textos, de outros discursos.

Outra análise importante é que o texto também faz uso de emoji⁶ de medo repetidamente por quatro vezes, intensificando ainda mais a mensagem de que havia chineses espalhando o vírus em um lugar de grande circulação de pessoas como a Feira dos Importados. Paiva (2015) pontua que “assim como as palavras, os significados dos emojis podem ter variações de significado sutis, dependendo do contexto” (PAIVA, 2015, p. 385). Nesse caso, o uso desse emoji em uma mensagem que traz uma situação grave de disseminação do vírus, por chineses, em um momento que pouco se sabia sobre a doença, pode ter contribuído para potencializar o sentido da mensagem compartilhada.

A informatividade e a situacionalidade estão diretamente relacionadas uma vez que a notícia falsa é produzida com uma estrutura de notícia que informa sobre o risco de se frequentar a feira. O objetivo parece ser atingir o público que frequenta o local, entretanto esse é só um meio de criar alarde para toda a população brasileira, uma vez que é sabido que a covid-19 apresenta um alto grau de disseminação e contaminação. Ou seja, uma vez que ela se inicia na feira dos importados em Brasília pelos chineses, poderá se espalhar rapidamente por todos os lugares, da mesma maneira que aconteceu da China para o resto do planeta. Assim é possível inferir que a intencionalidade dessa *fake news* está relacionada com o desejo de se produzir medo e terror na população.

É possível perceber, também, a utilização de formulações extremas nos trechos “DOIS CHINESES QUE LÁ TRABALHAM FORAM DETECTADOS COM O “CORONA VÍRUS” e “ESTÃO COM SINTOMAS”, uma vez que a informação é a mesma, ou seja, dois chineses contaminados com o coronavírus, já que há uma suposição compartilhada de um problema grave que sugere a necessidade de se fazer algo a respeito. É necessário salientar que a o Coronavirus se originou na China e a comercialização de importados na referida feira é de produtos chineses. Assim, lançar uma *fake news* relacionando esse contexto com uma possível transmissão do vírus em massa, pode causar uma grande desestabilização social.

Segundo Koch (2004), o ato de persuadir tem caráter ideológico e visa atingir o sentimento dos interlocutores. Pelo fato de coronavírus ter disso descoberto na China, o discurso xenofóbico se intensificou com a pandemia e essa FN pode ter contribuído para reforçar a visão distorcida em relação aos chineses. De acordo com Silva (2021) as *fake news* teriam servido como mote para o racismo e a xenofobia contra o povo chinês, uma vez que o governo foi acusado, sem provas, de ter promovido intencionalmente o vazamento do vírus

⁶ O foco da nossa pesquisa não é o de fazer análise de emojis nas *fake news*, entretanto, julgamos pertinente destaca-los dentro desta, uma vez que ela contribui para a produção de sentido aqui.

Sars-CoV-2 de algum laboratório. Nessa mensagem é possível notar xenofobia, culpabilizando, implicitamente, a China pela disseminação da covid-19, uma vez que após ser anunciado que o vírus é originário desse país, houve um aumento no tratamento hostil aos chineses no Brasil.

O corpo do texto traz “EVITEM A “FEIRA DOS IMPORTADOS NO S.I.A. – DOIS CHINESES QUE LÁ TRABALHAM FORAM DETECTADOS COM O “CORONA VÍRUS”... ELES ESTAVAM NA CHINA E CHEGARAM NO DF EM 15 DE JAN 20... ESTÃO COM SINTOMAS E ESTAVAM TRABALHANDO NA FEIRA DOS IMPORTADOS...”. O texto se inicia com um verbo no imperativo “evitem” que sinaliza um comando, sugestão aos interlocutores para não irem ao lugar que será sinalizado pela mensagem. O uso do modo imperativo com verbo explícito em geral está relacionado à dimensão semântica que envolve ordem, pedido, mando, injunção, ou seja, às forças ilocucionárias que solicitam do interlocutor um fazer ou um deixar de fazer. Halliday (1985) afirma que usamos a função interpessoal para conseguir que coisas sejam feitas, por via de interação entre uma pessoa e outra. Assim, a mensagem, além de disseminar o pânico em relação ao coronavírus, reforça a xenofobia em relação aos chineses, além de incentivar o compartilhamento dessas ideias.

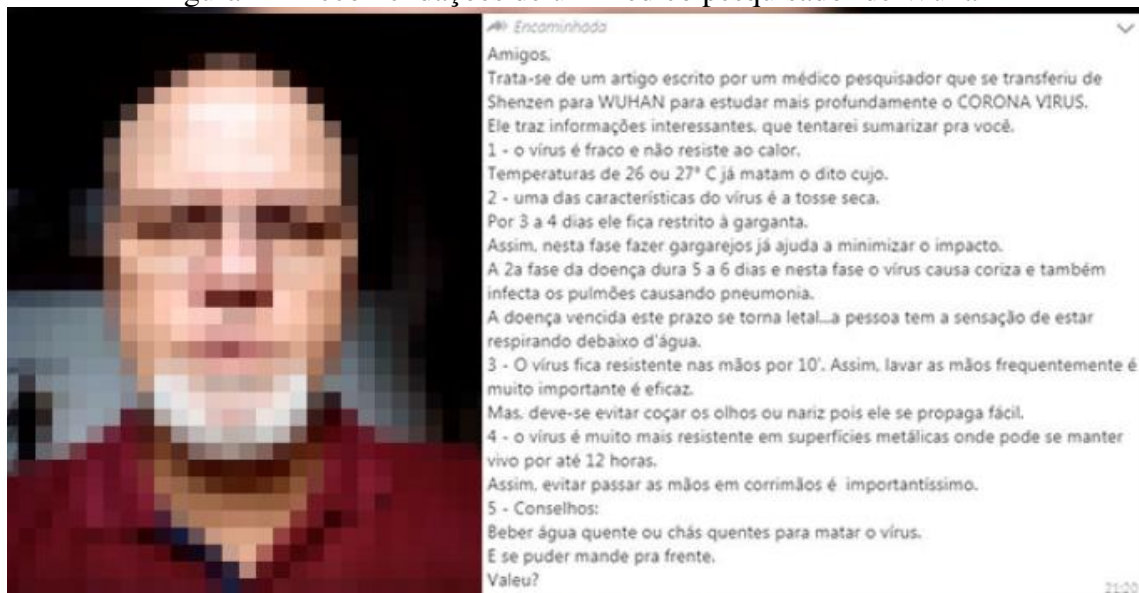
Notamos que esta mensagem aborda uma questão de saúde pública séria e grave de forma irresponsável, porque poderia gerar pânico na população local quanto à difusão de um vírus ainda pouco conhecido em termos de contaminação naquela época. Além disso, há que se considerar a ocorrência da politização da pandemia, uma vez que em um momento em que havia a necessidade de ações políticas que apoiassem a ciência e o conhecimento, o governo do presidente Jair Bolsonaro fez o oposto politizando os principais centros de pesquisa por meio de cortes de verbas para as universidades e para as agências financiadoras de pesquisa, e disseminando, por meio de suas atitudes e discursos, a desconfiança com relação à vacina e às medidas de prevenção orientadas por médicos, pesquisadores e cientistas da área de saúde (LELLES, 2021). Além disso, nesta FN há um reforço à xenofobia praticada contra os chineses, principalmente por políticos com alta visibilidade, como por exemplo, o presidente Jair Bolsonaro e seus aliados. Para situar o leitor a respeito da localização onde eles se encontravam – Distrito Federal – e o local específico que era Feira dos Importados, local de grande circulação de pessoas e que, conseqüentemente, traz um alto risco de disseminação do vírus.

A Figura 2 circulou amplamente nas mídias sociais, incluindo o WhatsApp, no mês de março de 2020. O texto está escrito em tópicos, uma vez que a finalidade é fazer diversas abordagens – contágio, sintomas e prevenção – sobre o coronavírus e de forma objetiva. Há

uma busca por aproximação do interlocutor ao fazer uso do vocativo “amigos”, o que pode facilitar a recepção da mensagem. O destaque, em caixa alta, da palavra “CORONA VÍRUS”, pode ser uma forma de ficar visível mais facilmente ao interlocutor sobre o conteúdo da mensagem, estimulando-o a lê-la. De acordo com Viscardi (2020, p. 1142), em alguns casos, o uso de caixa alta pode representar “a importante mobilização dos afetos através do estilo da escrita na divulgação dessa informação”. Na mensagem em questão, o coronavírus, destacado, é uma forma de despertar quem recebe e lê a mensagem.

Observamos também que neste texto há ocorrência da Acessibilidade Textual Terminológica (FINATTO, 2019) uma vez que são informações de saúde repassadas por meio de de linguagem simples e acessível para qualquer leitor.

Figura 2 – Recomendações de um médico pesquisador de Wuhan



Fonte: antigo.saude.gov.br (2020).

Nesta *fake news*, observa-se uma estrutura argumentativa que busca a legitimação por meio de diversas estratégias argumentativas que apontaremos nesta análise. O texto inicia com a narrativa de uma suposta autoridade médica que se encontrava na cidade que foi o epicentro do vírus: “Trata-se de um artigo escrito por um médico pesquisador que se transferiu de Shenzhen para WUHAN para estudar mais profundamente o CORONA VÍRUS. Ele traz informações interessantes, que tentarei sumarizar pra você. Ao trazer essa informação logo no início do texto, observa-se a característica argumentativa presente no texto, uma vez que há uma validação do discurso por meio da ciência com o uso das palavras “artigo escrito”, “médico pesquisador”, “estudar profundamente”. Segundo Koch (2004), o ato de argumentar visa

influenciar o comportamento do outro e, nesse sentido, ao iniciar o texto com os elementos destacados, busca-se criar no leitor a segurança quanto ao conteúdo lido.

Na sequência, enumerada, tem-se o que o suposto médico recomenda para que se combata o coronavírus. O número 1 traz que o “vírus é fraco e não resiste ao calor / Temperaturas de 26 ou 27° já matam o dito cujo” no qual o termo “dito cujo” é uma expressão característica da oralidade, porém opera como elemento coesivo que retoma a palavra vírus. Conforme explicitado na base teórica desta pesquisa, a coesão é um dos fatores de textualidade, e é responsável pela ligação entre as partes do texto. Para Koch 2018, p. 45), ela é “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadora de sentidos”. Diante disso, a expressão tem a finalidade de evitar a repetição da palavra vírus e dar progressão ao texto. É importante também observar o uso coloquial do “pra”, pois ela se aproxima da fala, fazendo com que o leitor se identifique e credibilize a informação. Expressões como essas aumentam a Acessibilidade Textual (POMERANTZ, 1986), uma vez que um grupo maior de pessoas poderão compreender a mensagem sem maiores dificuldades, e permitem maior aceitabilidade já que fazem com que os leitores se identifiquem com a linguagem usada.

Seguindo observando os fatores de textualidade, na sequência, verifica-se que o texto traz a informação de que “uma das características do vírus é a tosse seca”. Essa afirmação era verdadeira na época ressaltando os sintomas que a covid-19 apresentava antes da chegada das variantes do coronavírus. Aqui há a presença da intertextualidade com informações científicas reais que circularam a respeito do coronavírus, o que pode trazer credibilidade ao texto. Entretanto, na sequência, inicia-se a desinformação: “por 3 ou 4 dias ele fica restrito à garganta. Assim, nesta fase fazer gargarejos já ajuda a minimizar o impacto. A 2ª fase da doença dura 5 a 6 dias e nesta fase o vírus causa coriza e também infecta os pulmões causando pneumonia. A doença vencida este prazo se torna letal...a pessoa tem a sensação de estar respirando debaixo d'água”. Outra desinformação se encontra no tópico 5 que diz: “Beber água quente ou chás quentes para matar o vírus”. Nesses tópicos, é possível perceber diversas incoerências entre as ideias além de atribuições de sentidos equivocadas, tornando o texto incoerente.

De acordo com Marinho (1997), a coerência textual, no plano semântico-conceitual, divide-se entre interna e externa. Na coerência interna, deve-se haver a “continuidade, progressão, articulação e não contradição” (MARINHO. 1997, p. 93); na coerência externa, as informações presentes no texto devem ter relação com o mundo de referência, além da

consistência na argumentação. Porém, nenhuma das partes tem relação com a realidade, configurando um texto incompatível com a realidade. Observa-se, também, uma apelação estratégica no trecho “sensação de estar respirando debaixo d’água” no qual que visa sensibilizar o leitor quanto às consequências da doença, caso afete os pulmões. Além disso, percebe-se uma estratégia de enganação bastante interessante em todas elas: a mescla de informações parcialmente verdadeiras e totalmente falsas que podem trazer a noção de desinformação. A essa estratégia, segundo Soares *et al.* (2021), chamamos de *distorções*, isto é,

conteúdo baseado em informações parcialmente verdadeiras, que são distorcidas para gerar conclusões equivocadas. Inclui conexões falsas, informações fora de contexto, enquadramentos enganosos e informações reconfiguradas de alguma forma para enganar. (SOARES *et al.*, 2021, n.p.).

Por isso é importante a discussão sobre desinformação: ao trazer uma informação verdadeira no número 2, o locutor visa ganhar a confiança do seu interlocutor para que a mensagem da sequência seja considerada autêntica e, ao percebê-la assim, a chance de compartilhamento da mensagem aumenta.

Ainda é possível observar que com relação à intencionalidade, o autor do texto procura convencer o leitor da veracidade do texto intercalando informações verdadeiras com falsas, por meio de uma linguagem mais simples do que a usada nos meios científicos, o que aumenta a aceitabilidade do texto e a acessibilidade textual, uma vez que ele poderá ser compreendido e aceito por um maior número de pessoas por causa dessas características. O texto é estruturado com um alto teor informativo, fazendo com que o leitor seja levado facilmente a confiar nos dados.

Por meio da análise dessa FN, também é possível inferir que por meio da argumentação, há uma tentativa de se legitimar o discurso associando a notícia com instituições e/ou possíveis autoridades na área da saúde. Soares *et al.* (2021, p. 78) argumentam que “o espalhamento de desinformação também depende de estratégias discursivas, que servem para legitimação e aumento da visibilidade das mensagens que propagam desinformação”. Assim, vemos que a mensagem em questão, utiliza-se desse recurso – mesmo que de forma vaga em alguns momentos – como manobra de persuasão do interlocutor, uma vez que parte da população não se preocupa em investigar o que recebe nas mídias sociais. Assim, a estratégia de circulação pelo *WhatsApp* contribui para essa disseminação, visto que a mensagem pode vir de alguém próximo, havendo uma possível relação de confiança entre os interlocutores

O item número 3 informa: “O vírus fica resistente nas mãos por 10 [minutos]. Assim, lavar as mãos frequentemente é muito importante e eficaz / Mas deve-se evitar coçar os olhos ou nariz pois ele se propaga fácil.”. Àquela época, ainda não existiam estudos mostrando por quanto tempo que o vírus permanecia ativo nas mãos, mas sabia-se da possibilidade de transmissão pelas mãos e de contágio pela boca e pelo nariz, logo essas informações são verdadeiras. O mesmo acontece no alerta contido no número 4 que diz: “o vírus é muito mais resistente em superfícies metálicas onde pode se manter vivo por até 12 horas. Assim, evitar passar as mãos em corrimões é importantíssimo.”. A informação é verdadeira.

Nos trechos “estudar **mais profundamente**” e “informações **interessantes**” (grifo nosso) temos o uso de dois advérbios (mais e profundamente) e um adjetivo (interessante). Os advérbios são classes modificadoras de sentidos do verbo, do adjetivo e de outro advérbio. No caso em questão, o advérbio “mais” reforça o sentido de “profunda”, dando sentido, dentro do contexto, de um estudo denso e extremamente profundo. A classe gramatical dos adjetivos é modificadora dos substantivos sendo o adjetivo “interessantes” modificador de informações. De acordo com Cunha e Cintra (2017) os adjetivos atribuem características a seres e objetos. Além disso, essas expressões configuram formulações extremas, já que há uma tentativa de valorização e legitimação das informações que se seguirão.

Ao final, a mensagem aconselha “E se puder mande pra frente. Valeu?” e traz uma característica comum a diversas *fake news* que é o incentivo, até mesmo apelo, ao compartilhamento da (des)informação. Há uma oração condicional “se puder”, seguida de uma forma imperativa do verbo “mande pra frente”.

Outra característica encontrada na FN em questão é a linguagem coloquial nos trechos: “Ele traz informações interessantes, que tentarei sumarizar **pra** você.” e “E se puder mande **pra** frente”. **Valeu?**” (grifo nosso). A coloquialidade encontra fluidez na oralidade, logo é comum que haja essas formas de linguagens nas mídias sociais. Aliado a isso, por se tratar de um aplicativo que apropriou de características do gênero chat, as mensagens que circulam no *WhatsApp* podem ser coloquiais e até mesmo ter marcas de oralidade, o que torna o texto mais simples para a compreensão do interlocutor, já que se aproxima da fala. Esse uso pode sinalizar uma tentativa de abordagem mais próxima da fala do interlocutor, pois, ao se utilizar uma linguagem mais simples, além de a compreensão da mensagem ser efetiva, pode existir uma identificação do interlocutor com o conteúdo do que se encontra no texto e, por consequência, maiores chances de o compartilhamento acontecer.

A Figura 3 foi escolhida a partir do canal *Saúde sem Fake News*, criado pelo Ministério da Saúde e que iniciou a circulação no mês de março. Nessa FN, percebe-se que houve uma tentativa de elaborar um texto em tópicos, entretanto, faltam marcadores que sinalizem isso. Entende-se que o texto precisa ser coeso e coerente, o que não acontece nesta FN. Costa Val (1994, p. 10) discute que um dos fatores pragmáticos da textualidade é a intencionalidade, que se refere “ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa”. Porém, o texto se mostra, assim como a FN da Figura 2, sem coerência, além da falta de coesão, uma vez que não há ligação entre as partes do texto.

Analisaremos cada tópico do texto na sequência. A mensagem é iniciada com “Unicef” e finalizada da mesma forma, sendo esta colocada em caixa alta com finalidade de destaque. Segundo Viscardi (2020), o uso de caixa alta em textos sinaliza um recurso de ênfase de uma mensagem. Esse realce vem em uma instituição de autoridade que é a Unicef, corroborando para a legitimação do discurso que irá se seguir, além de sinalizar uma assinatura em nome da entidade.

Figura 3 – Recomendações da Unicef

CORONAVÍRUS

Unicef

O Corona vírus é maior do que o normal; o diâmetro da célula é de 400 a 500 microns e, por esse motivo, qualquer máscara impede a sua entrada no organismo.

O vírus não se propaga no ar.

O coronavírus, quando cai sobre uma superfície de metal, permanece vivo durante 12 horas. Lavar as mãos com água e sabão é suficiente para o destruir.

O corona vírus quando cai sobre num tecido, permanece vivo durante 9 horas, portanto, lavar a roupa ou colocá-la ao sol durante 2 horas, será suficiente para o eliminar.

O vírus só vive nas mãos durante 10 minutos. Assim, usar um desinfetante em gel também o eliminará.

O vírus exposto a uma temperatura de 26 a 27 °C morre.

A água que esteja exposta ao sol poderá ser consumida sem qualquer perigo.

Evitar comer gelados ou pratos frios; os alimentos quentes são mais seguros, visto que o calor elimina o vírus.

Gargarejar com água morna ou salgada mata os vírus que se alojem nas amígdalas e evita que passem para os pulmões.

Estas medidas são suficientes para evitar a ocorrência e propagação do vírus em qualquer parte do mundo.

UNICEF 14/24

MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:

**ISTO É
FAKE
NEWS!**

ESTA NOTÍCIA É FALSA - NÃO DIVULGUE

● Por que é falso?

A temperatura do corpo humano é de pelo menos 36°C, assim, beber água a uma temperatura de 26 a 27 °C não traz benefício algum em relação à prevenção ou eliminação do coronavírus (COVID-19), uma vez que no corpo humano o vírus tolera temperatura de pelo menos 36°C.

Saúde sem Fake News

(61) 99289-4640

www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da
Saúde

Fonte: antigo.saude.gov.br (2020).

É válido ressaltar que o próprio *site* da Unicef⁷, diante propagação dessa mensagem no *WhatsApp*, desmentiu todas as informações, no dia 09 de março de 2020, em seu *site* oficial no Brasil. Posteriormente, em 17 de março de 2020, o *site* da Fiocruz⁸ também desmentiu essas mesmas informações. Segundo Finatto, Silva e Esteves (2021),

esse recurso de autoridade, que pode ser representado por um documento oficial ou oficioso, conexo a alguma informação ou relato, citação de pessoas importantes ou de fontes — em tese, sérias e especializadas — tende a facilitar a crença do leitor e a propagação de um conteúdo. (FINATTO; SILVA; ESTEVES, 2021, p. 381).

Diante disso, o uso de instituições legitimadas não é arbitrário, mas pensado por quem elabora mensagens, cujo intuito é provocar a desinformação na sociedade. O início do texto traz: “O *Corona vírus* é maior do que o normal; o diâmetro da célula é de 400 a 500 microns e, por esse motivo, qualquer máscara impede a sua entrada no organismo.”. É válido trazer que, conforme o *site A ciência explica*,

o tamanho do novo coronavírus (SARS-CoV-2) mede aproximadamente 50-200 nanômetros de diâmetro. Partículas de SARS, um vírus similar, possuem cerca de 100 nanômetros (0.1 micron) de diâmetro, um tamanho médio para a grande maioria dos vírus. (SOUZA, 2020, n.p.)

Em esclarecimento, a Fiocruz desmentiu a informação da mensagem e disse que as máscaras comuns têm poros maiores que esses diâmetros, logo não têm capacidade de filtrar o vírus. Percebe-se, nesse primeiro tópico, um discurso que tenta se aproximar da linguagem científica específica da biologia, ao trazer diâmetro de célula, além de ser pouco comum ao cotidiano. Indivíduos leigos, ao se depararem com mensagens bem elaboradas, inicialmente, podem sentir confiança e, conseqüentemente, segurança em compartilhar o conteúdo. Koch (2004) discute que o ato de convencer

se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um ‘auditório universal’, possuindo caráter puramente demonstrativo e atemporal. (KOCH, 2004, p. 18).

No parágrafo em questão, ao evocar elementos da ciência, o locutor visa a transmitir a ideia de prova concreta para tornar mais verossímil o que escreve. Na sequência, o segundo texto aborda sobre a não propagação do vírus no ar. A mensagem diz “O vírus não se propaga

⁷As informações publicadas pelo Unicef podem ser lidas no *site* <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/e-fake-noticia-circulando-no-whatsapp-com-orientacoes-do-unicef-sobre-coronavirus> Acesso em: 23 maio 2022.

⁸As informações publicadas pela Fiocruz podem ser verificadas no *site* <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-esclarece-informacoes-falsas> Acesso em: 23 maio 2022.

no ar.”. O uso do advérbio de negação “não” visa a anular uma informação verdadeira sobre o coronavírus: o vírus se propaga no ar. Para Silva e Martins (2022), quando se constrói uma sentença com o advérbio de negação, as FN podem distorcer a informação verdadeira, fazendo-a parecer falsa. Ademais, essa (des)informação pode ter colaborado para incentivar o não uso da máscara e, como efeito, a disseminação do vírus, pois este, ao contrário da afirmação, pode sim se proliferar no ar. Durante o período mais crítico da pandemia, autoridades políticas circulavam nos espaços públicos não utilizando máscara para se protegerem, o que pode ter contribuído para legitimar afirmações como essas. Recuero (2021), chama a atenção para o papel que as autoridades podem ter quando se trata da legitimação da desinformação. De acordo com a autora,

quando a desinformação provém de autoridades, principalmente de pessoas que detêm um cargo político ou possuem expertise na área da saúde, esse conteúdo tende a se espalhar muito mais rápido e entre muito mais gente do que a desinformação propagada por pessoas comuns ou por contas automatizadas. (RECUERO, 2021, p. 24).

Assim, informações como essas, ao circularem nas mídias sociais, tendem a se espalhar mais rápido e ter a maior adesão de quem as recebe. O tópico 3 aborda a duração do coronavírus em superfícies de metal: “O coronavírus, quando cai sobre uma superfície de metal, permanece vivo durante 12 horas. Lavar as mãos com água e sabão é suficiente para o destruir.”. As informações contidas neste tópico são muito parecidas com as dos números 3 e 4 da Figura 2. O que as difere é que nessa FN, recomenda-se lavar as mãos para destruir o vírus – o que não é verdade; apenas minimiza as chances de contágio – enquanto na FN da Figura 2, tem-se a recomendação para se lavar as mãos porque é importante. É importante analisar, ainda, as escolhas lexicais. O verbo “lavar”, embora se encontre na forma infinitiva, tem valor de um verbo no imperativo, cuja característica é a de sugerir, de dar comandos, ou instrução. De acordo com Silva e Martins (2022), essa forma verbal pode ser utilizada para sugerir instrução aos leitores, função que é exercida por verbos no imperativo. Ao contrário do verbo “destruir”, também na forma infinitiva, mas que expressa a ação do verbo em si, isto é, a eliminação do vírus no corpo.

O tópico 4 aborda sobre a permanência do vírus em tecidos: “O corona vírus quando **cai** sobre num tecido, permanece **vivo** durante 9 horas, portanto, lavar a roupa ou colocá-la ao sol durante 2 horas, será suficiente para o **eliminar**” (grifo nosso). A informação deste item está parcialmente verdadeira. A recomendação da Fiocruz é que se lave a roupa tanto de quem está doente, quanto de quem está saudável da mesma forma, pois isso desinfeta a roupa. Entretanto,

o efeito é nulo ao se colocar a roupa exposta ao sol, visto que o calor não é suficiente para eliminar o vírus. Além disso, há inadequações vocabulares na mensagem ao dizer que o “corona vírus quando *cai* sobre num tecido, vírus permanece *vivo*”. Nessa situação, a mensagem precisa trazer que o vírus “entra em contato”, em vez de “cai”; e em vez de “ativo” ou “no ar”, que são as formas mais populares para se referir a ação do vírus. Há, também, o uso do *vero* no infinitivo “eliminar” que tem o mesmo sentido de “destruir”. Esta mesma recomendação vale para água exposta ao sol, como se encontra no tópico 7 “A água que esteja exposta ao sol poderá ser consumida **sem qualquer** perigo” (grifo nosso). A expressão grafada é uma formulação extrema que visa a transmitir segurança ao interlocutor. Segundo Silva e Ladeira (2011), os recursos argumentativos como esses são utilizados para validar a ideia que se pretende transmitir.

Os tópicos 5, 6 e 8 trazem em comum formas de eliminação do coronavírus. “O vírus só vive nas mãos durante 10 minutos. Assim, usar um desinfetante em gel também “**eliminará**.”; “O vírus exposto a uma temperatura de 26 a 27 ° C morre.” e “Gargarejar com água morna ou salgada **mata** os vírus que se alojam nas amígdalas e evita que passem para os pulmões.” são desinformações que circularam em diversas mensagens do *WhatsApp*. A Figura 2 trazia exatamente a mesma informação, assim como algumas outras mensagens que selecionamos para esta pesquisa. Essas informações, ao se repetirem em mensagens diferentes, podem contribuir para o leitor atribuir um valor de verdade ao que recebe e lê, o que o fará compartilhar a desinformação. Conforme Recuero (2021),

a tendência de confirmação no grupo, onde os conteúdos que circulam parecem sempre reforçar o que se pensa e aumentar a assertividade dessas crenças. Cria-se uma percepção de que “todos pensam como eu” e uma falta de conteúdo que desafie essa ideologia. Com isso, as bolhas podem também levar à extremização, afastando os grupos cada vez mais do centro. (RECUERO, 2021, p. 11).

Ao receber mensagens com conteúdo similares, ou até mesmo idênticos, o leitor pode se sentir confortável ao perceber que muitos dividem o mesmo pensamento e, com isso, espalhar a desinformação. Ademais, a formulação extrema se mostra presente ao se repetir a informação do já existente ali para que o seu interlocutor acredite. Conforme Silva e Ladeira (2011), o recurso da repetição é uma estratégia que visa tornar o argumento mais convincente. Quanto à seleção lexical, o verbo “usar” e “gargarejar”, apesar de estarem na forma infinitiva, sugerem uma instrução, um comando. Na coloquialidade é comum esse uso da forma infinitiva com esse propósito. O verbo “eliminará”, no contexto de produção da mensagem, sinaliza a expulsão do vírus do organismo, caso o indivíduo tenha contraído a covid-19. Além disso, encontra-se na

sua forma de futuro do presente. Segundo Cunha e Cintra (2017, p. 472) o uso desse tempo verbal é “para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala” Assim, o uso nessa FN sinaliza um fato como certo ou provável em um futuro próximo.

O tópico 8 mostra o que não se deve comer para evitar contrair o coronavírus: “Evitar comer gelados ou pratos frios; os alimentos quentes são mais seguros, visto que o calor elimina o vírus.”. A reafirmação de conteúdos similares pode criar, como dito anteriormente, um valor de verdade ao que circula nas mídias sociais, o que vai corroborar ideologicamente com o que o leitor acredita. A seleção lexical com o verbo no infinitivo “evitar” vem em oposição aos conselhos dos tópicos anteriores, visto que estes sugeriam ações a serem desenvolvidas, ao contrário dessa que sugere o que não se deve fazer. Mais uma vez, tem-se o uso do infinitivo para instruir o leitor, só que, neste caso, a uma ação que não deve ser feita. Além do mais, o uso de “frios” para se referir a tipos de alimentos que não devem ser consumidos entra, também, em oposição à ideia de alimentos quentes, sendo estes o que devem ser consumidos para combater o coronavírus.

O último tópico aborda que as ações supracitadas são suficientes para acabar com o coronavírus: “Estas medidas são suficientes para evitar a ocorrência e propagação do vírus em qualquer parte do mundo.”. Na expressão “são **suficientes**” há um adjetivo, funcionando como predicativo do sujeito, que expressa um estado para o substantivo “medidas”; ele associado a “em **qualquer** parte do mundo” (grifo nosso) é um caso extremo que visa legitimar, além de passar segurança a quem a lê e para que não haja checagem da informação antes do compartilhamento. Recuero (2021) argumenta que

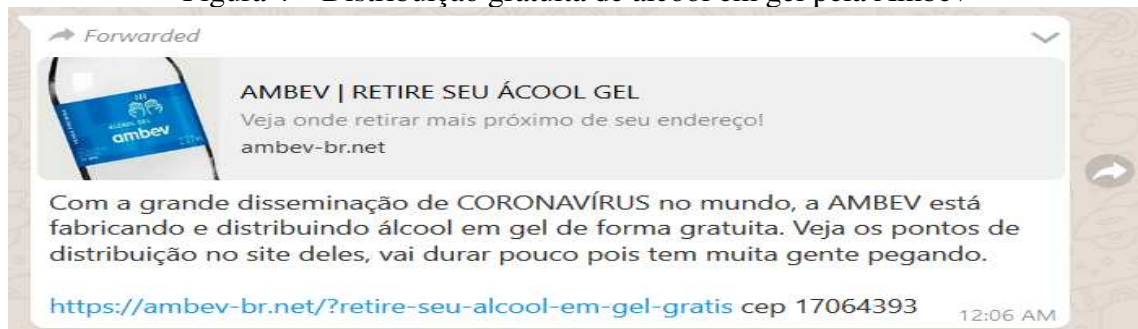
há muita dificuldade na circulação da informação qualificada, checada, nos grupos onde circula a desinformação sobre a pandemia. Via de regra, onde circula a desinformação, não circula o fact-checking e outros tipos de conteúdos verificados. (RECUERO, 2021, p. 17).

Essa dificuldade se torna um empecilho para o combate às FN, visto que as agências de *fact-checking* podem ser aliadas na difusão da verdade, entretanto, com essa dificuldade, isso fica mais restrito a pessoas ou grupos que têm a percepção da existência das FN e estão dispostos a verificarem o que recebem. Em relação à seleção lexical, as palavras “medidas”, “suficientes”, o verbo “evitar”, “propagação” e “qualquer parte do mundo” visam a anular qualquer outra recomendação já feita pela OMS – distanciamento social ou o uso de máscaras –, já que tudo o que traz a mensagem será eficaz no combate à propagação da covid-19 de forma mundial. Percebe-se um forte apelo da mensagem ao trazer que essas medidas como efetivas mundialmente, uma vez que pode ser confundida com recomendações dos órgãos mundiais

competentes e que foram responsáveis por traçarem protocolos sanitários de prevenção ao coronavírus, gerando, assim, mais desinformação. Uma observação importante a ser feita nessa mensagem é que, embora grande parte das FN que circulam no *WhatsApp* apele para o compartilhamento, essa vai na contramão e não faz esse apelo.

A mensagem da Figura 4 é uma FN que circulou em março no aplicativo, sendo necessário, inclusive, que a Ambev emitisse nota desmentindo o seu conteúdo.

Figura 4 – Distribuição gratuita de álcool em gel pela Ambev



Fonte: Olhar Digital, 2020.

O primeiro elemento que aparece na mensagem é um argumento de autoridade “AMBEV” (empresa cervejeira brasileira). Uma característica recorrente nas *fake news* analisadas é o uso de pessoas ou instituições de credibilidade para conferir autoridade à mensagem que circula no aplicativo. Na sequência, há orientações “*RETIRE SEU ÁLCOOL GEL Veja onde retirar mais próximo de seu endereço!*” às quais iniciam a mensagem de distribuição gratuita de álcool em gel. Ambas se encontram em caixa alta como forma de destaque à mensagem, cujo intuito é chamar a atenção dos leitores para o seu conteúdo. Como já dito anteriormente, esse recurso é uma forma de ênfase ao elemento. É importante destacar que essa mensagem circulou logo após a Ambev anunciar que doaria 500 mil unidades de álcool em gel para hospitais⁹ já que àquela época, a demanda pelo produto havia aumentado muito e estava em falta no mercado. No entanto, desinformações como essas podem provocar comportamentos problemáticos na população – ansiosa para combater o problema – como uma busca desenfreada pelo produto gratuito destinado exclusivamente para hospitais e, com isso, atrapalhar o andamento das ações de emergência, além da exposição desnecessária dos indivíduos que buscaram pelo álcool em gel a partir de uma fonte inverídica.

⁹ Notícia veiculada na página: <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2020/03/epoca-negocios-ambev-produzira-500-mil-unidades-de-alcool-em-gel-para-doar-a-hospitais-publicos.html>. Acesso em: 28 mai. 2022.

O uso dos verbos “retire” e “veja” encontra-se no modo verbal imperativo, o qual sinaliza comando, sugestão ou até mesmo orientação para a ação que a mensagem sugere – a retirada de álcool em gel gratuito. De acordo com Cunha e Cintra (2017) o imperativo, dentre tantos usos, sinaliza conselho, ou até mesmo convite. A mensagem do corpo do texto é um resumo do que se encontra dentro do hiperlink, caso a pessoa opte por obter maiores informações. O texto diz: “Com a grande disseminação do CORONAVÍRUS no mundo, a AMBEV está fabricando álcool em gel de forma gratuita. Veja os pontos de distribuição no site deles, vai durar pouco pois tem muita gente pegando.”. Há ao destaque, em caixa alta, para as palavras “coronavírus” e “Ambev”, pois, ao se fazer uma leitura rápida, serão as primeiras palavras que o leitor irá visualizar e, conseqüentemente, chamará a sua atenção. Ainda, o uso, novamente, da empresa Ambev no texto, busca não somente chamar a atenção do leitor, como conferir legitimação. Santaella (2020) argumenta que

a autoria é, quase sempre, forjada e elas têm o propósito de lesar os direitos do público, pois “tapeiam o leitor em diversas áreas: na política, na saúde pública, no mercado de consumo, na ciência”. São dependentes das tecnologias digitais, caso contrário, não teriam a potência disseminadora que têm e que é devida à escala e velocidades inéditas que possuem para isso. Por fim, elas dão lucro, quer seja econômico, quer seja simbólico. (SANTAELLA, 2020, p. 21).

Essa estratégia foi percebida em diversas FN que circularam não apenas no *WhatsApp*, mas em todas as outras mídias sociais. O adjetivo “grande” em “**grande** disseminação” (grifo nosso) modifica o sentido do substantivo “disseminação”, atribuindo-lhe um sentido ainda mais amplo; na frase “vai durar **pouco** pois tem **muita** gente pegando” (grifo nosso) além de termos a figura de linguagem antítese – que se caracteriza pela oposição de sentidos dentro de um texto – sinalizada pelos advérbios “pouco”, que se refere ao espaço curto de tempo de duração, e “muito” para se referir a “gente”, denotando quantidade. Essas palavras se caracterizam por formulações extremas, já que há termos extremos para se referir a objetos e pessoas (SILVA; LADEIRA, 2011) e visa potencializar a ideia de disseminação do coronavírus, além de buscar convencer o interlocutor de que ele deve se apressar em buscar o álcool em gel gratuito.

Além disso, é possível perceber problemas de norma padrão. No trecho “Veja onde retirar mais próximo do seu endereço!” o verbo “retirar é transitivo, logo exige complemento, o que não ocorre na frase. O último período da mensagem também apresenta problemas de norma padrão: “Veja os pontos de distribuição no site deles, vai durar pouco pois tem muita gente pegando.” no qual os termos “vai durar pouco” e “muita gente pegando” é do registro informal da língua. Ainda, a ausência de vígula antes da conjunção “pois” o que demonstra falha gramatical na produção da mensagem.

Para finalizar a postagem, há o hiperlink que direciona para a suposta página onde se encontra a informação completa acerca da distribuição do álcool em gel. Vale destacar a tentativa de enganação no domínio do *site*. É possível ver que traz *ambev-br.net*. De acordo com o *site* TechTudo (2013), os principais domínios existentes na *internet* são: *.com* (comercial), *.org* (atividades de ONGs e que são sem fins lucrativos), *.net* (comercial) e *.gov* (*websites* do governo). Infelizmente, parte da população não tem conhecimento da diferenciação desses domínios, logo fica mais fácil passar despercebido entre os leitores. Conforme o *site* boatos.org, essa mensagem foi classificada como *phishing* pelo serviço de antivírus Kaspersky, ou seja, tratava-se de uma FN cujo intuito era coletar dados pessoais do cadastrante para aplicação de golpes¹⁰

A Figura 5 também circulou no mês de março e trata sobre o cadastro para a vacinação contra a covid-19.

Figura 5 – Vacina contra o coronavírus

The image consists of two main parts. The top part is a screenshot of a WhatsApp message with a green background. The message text reads: 'VACINA CORONAVÍRUS! Governo Federal do Brasil, anuncia que a vacina chega ao Brasil dia 30/03/2020! Para não haver super lotações nos **Postos de Saúde** e nas **Unidades de Pronto Atendimento (UPA)**, é **OBRIGATORIO** o agendamento para tomar a vacina contra o **COVID-19!** É de extrema importancia que você **ENCAMINHE** esta informação para todos os seus **Familiares e Amigos!** O agendamento deve ser feito através do **APP oficial** do Governo do Brasil: <https://bit.ly/AgendamentoCOVID-19>'. To the right of the message is a circular red stamp with white text that says 'MINISTÉRIO DA SAÚDE ADIRTE. ISTO É FAKE NEWS! ESTA NOTICIA É FALSA - NÃO DIVULGUE'. A yellow arrow points from the stamp to the message. Below the message is a section with a yellow bullet point and the text 'Por que é falso? Ainda não existe nenhuma vacina contra o coronavírus. Além disso, no SUS não é necessário nenhum tipo de cadastro por aplicativo ou site para tomar as vacinas disponíveis. É preciso apenas comparecer a um posto de saúde que faça vacinação.' At the bottom left, there is a yellow bar with a WhatsApp icon, the text 'Saúde sem Fake News', the phone number '(61) 99289-4640', and the website 'www.saude.gov.br/fakenews'. At the bottom right is the logo for 'Ministério da Saúde'.

Fonte: antigo.saude.gov (2020).

¹⁰ A informação desmentida se encontra na página: <https://www.boatos.org/tecnologia/ambev-alcool-gel-de-graca-whatsapp.html>. Acesso em: 28 maio 2022.

Àquela época, apesar de não haver previsão de produção de vacina, a expectativa era alta. O cenário de pós-verdade é aquele em que as crenças e valores sobrepõem a verdade. As FN se encontram nessa conjuntura e isso favorece a sua disseminação. Pelo fato de o desejo pela vacina e, conseqüentemente, o término da pandemia ser alto, mensagens com conteúdo referente a vacinação teriam grandes chances de circular de forma rápida e eficaz.

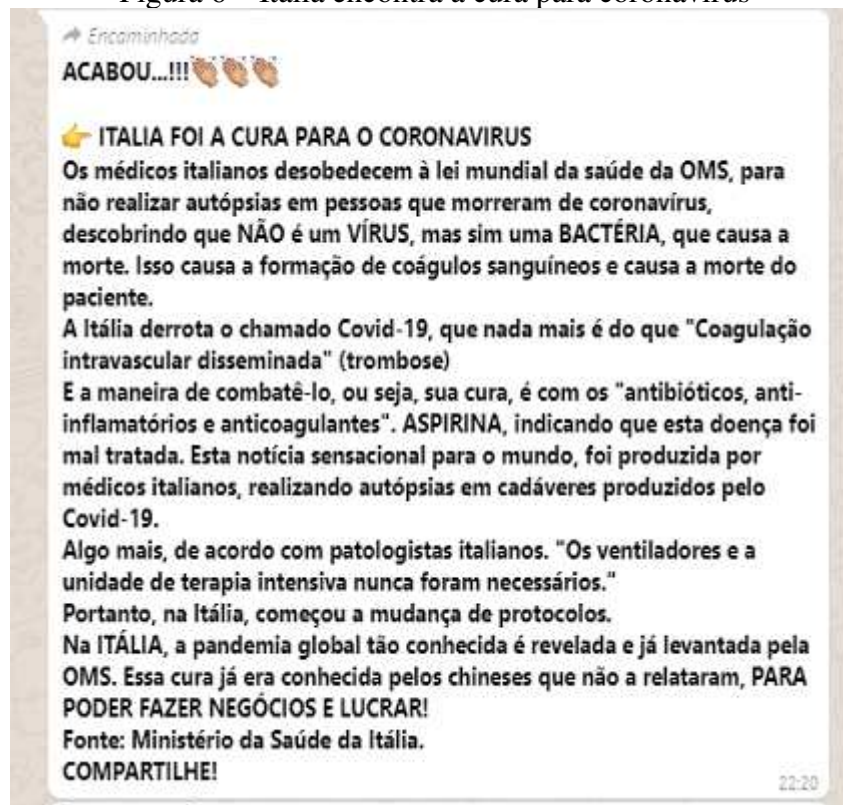
A mensagem começa com duas palavras-chave e com destaques em caixa alta, em negrito e em ponto de exclamação que se repete ao final de todas as frases como forma de ênfase. Em mensagens oficiais do governo não se admite esse tipo de escrita, visto que ela foge às normas do manual oficial de redação. Conforme o Manual de Redação da Presidência da República, a escrita oficial deve se caracterizar pela “clareza e precisão; objetividade; concisão; coerência e coesão; impessoalidade; **formalidade e padronização; uso da norma padrão da língua portuguesa**” (BRASIL, 2018, p. 16, grifo nosso). Na primeira linha do texto, já ocorre um erro básico de pontuação: “Governo Federal Brasileiro, anuncia que a vacina chega ao Brasil dia 30/03/2020!”. De acordo com a norma padrão, não se separa sujeito do predicado dentro de uma oração, o que acontece na frase em destaque. O parágrafo seguinte foca no agendamento para vacinação: “Para *não* haver *super lotações* nos **Postos de Saúde** e nas **Unidades de Pronto Atendimento (UPA)**, é **OBRIGATÓRIO** o agendamento para tomar a vacina contra o **COVID-19!**”. As palavras-chaves também estão destacadas em negrito e em itálico. Percebe-se um destaque excessivo a elementos chaves, o que não é comum nas redações oficiais do governo, mas comum nas FN. Há erro ortográfico em “super lotações” na qual se grafia “superlotação” e “o covid-19”, sendo esta uma palavra feminina. O uso do advérbio “não” é comum em algumas *fake news*, uma vez que ele “evidencia a informação verdadeira que está em circulação e afirma que ela é falsa” (SILVA; MARTINS, 2022, no prelo). Ainda, o termo “super lotações” é uma formulação extrema e pode convencer o interlocutor a acessar o link presente na mensagem, uma vez que, por se tratar de pandemia, o risco de se estar em um local superlotado e contrair o coronavírus é alto. Além disso, a palavra “obrigatório” se configura como extrema, já que faz o interlocutor acreditar que a vacinação dele estará condicionada ao agendamento pelo link, logo, ele deve acessá-lo.

No parágrafo seguinte, há o apelo ao compartilhamento da mensagem: “É de extrema importância que que você **ENCAMINHE** esta informação para todos os seus **Familiares e Amigos!**”. Percebe-se, nitidamente, destaques em negrito a elementos importantes para a circulação da mensagem e o seu público-alvo. Palavras realçadas em um texto são mais fáceis de serem visualizadas, logo, há chances de serem as primeiras a serem vistas e,

consequentemente, com sentidos depreendidos mais rapidamente. Além disso, usa-se o verbo no imperativo que sinaliza um comando, ordem, muito recorrente em FN, já que a finalidade é a propagação em larga escala. Há, também, uma expressão exagerada como “**extrema importância**” que também se configura como um caso extremo, pois reafirma a relevância do compartilhamento para que todos tenham acesso ao link para o agendamento. Além disso, a mensagem tenta convencer o interlocutor a repassar para “todos” os familiares e amigos. Sabe-se que mensagens recebidas por pessoas próximas tendem transmitir segurança a quem a recebe, já que elas vêm de pessoas do círculo social de confiabilidade. Por fim, há a indicação de onde o agendamento deve ser feito e a disponibilização de um link para acesso e cadastro: “dois vários elementos que visam a legitimar a mensagem: “APP oficial” e “Governo do Brasil”. Finatto, Silva e Esteves (2021, p. 355) alertam que as FN são produzidas com a finalidade de propagação e que “esse compartilhamento é resultado da adesão do leitor – por um valor de verdade ou de simpatia atribuído – a um conteúdo ou texto de partida. Essa atribuição de valor, passa a ser reconhecida e multiplicada por muitas pessoas”. Vale ressaltar que a angústia provocada pelas incertezas que o coronavírus trouxe aos brasileiros fez com que a maioria almejasse uma vacina o mais rápido possível. Nesse sentido, uma FN que sinaliza esse desejo sendo realizado corrobora com a crença da população, reafirmando o cenário da pós-verdade.

A figura 6 circulou no final de maio de 2020 como corrente no WhatsApp e traz uma mensagem que, em um primeiro momento, sinaliza esperança de término da pandemia. Por se tratar de uma teoria conspiratória, não há embasamento em alguma notícia verdadeira. Tompkins (2018) revela que “uma característica comum dos artigos de notícias falsas é a linguagem inflamatória e carregada de emoção.” (TOMPKINS, 2018, p. 7). Assim, FN conspiratórias como essas são perigosas para o andamento do processo de conscientização da população acerca dos cuidados em relação ao vírus. O texto da figura 6 pode ser classificado, de acordo com Soares (2020), como *Teoria da conspiração*, na qual as narrativas são criadas com o intuito de fomentar o pensamento de que há conspirações de grupos em relação à, neste caso, covid-19.

Figura 6 – Itália encontra a cura para coronavírus



Fonte: FIOCRUZ Bahia, 2020.

Alguns elementos se destacam na composição da FN. O título com a frase chamativa “ACABOU...!!!”, juntamente com três emojis de palmas, vem, além de caixa alta, com destaque em negrito para uma informação bastante esperada pelos brasileiros desde que a pandemia foi oficialmente decretada: a vacina contra o coronavírus. Todos esses elementos iniciais contribuem para destacar a mensagem e, assim, chamar a atenção do interlocutor para o seu conteúdo. De acordo com Sternbergh (2014), “os emojis destinam-se a ilustrar ou, em alguns casos, substituir completamente as palavras que enviamos uns aos outros digitalmente, seja em uma mensagem de texto, e-mail ou tweet” (STERNBERGH, 2014, n.p). Nesse caso, as palmas sinalizam congratulações pela ação que se seguirá: italianos terem acabado com a pandemia do Sar-Cov-2. Na sequência, já informando o leitor acerca do conteúdo da mensagem, há a frase “**ITÁLIA FOI A CURA PARA O CORONAVÍRUS**” (grifo nosso), também em caixa alta, antecipada por um emoji de dedo apontando para a frase que virá na sequência, para chamar a atenção para o conteúdo do que seguirá.

No quinto parágrafo observa-se uma mudança no discurso, uma vez que há a informação de que na Itália já havia uma mudança de comportamento começa a se modificar e sinaliza uma mudança de comportamento capaz de combater o coronavírus no país: “Portanto, na Itália, já começou a mudança de protocolos.”. É relevante destacar que até o quarto parágrafo, o discurso

contido na mensagem busca negar todas as informações e protocolos que a Organização Mundial da Saúde (OMS) e pesquisadores haviam descoberto sobre o Sars-Cov-2 por meio de pesquisas científicas. A partir do quinto parágrafo, nota-se uma mudança argumentativa, cujo objetivo é convencer o interlocutor da veracidade da informação e modificar o seu comportamento. Segundo Finatto, Silva e Esteves (2021),

essas pessoas, vítimas dos produtores dessas notícias, propagam-nas consciente ou inconscientemente. Nessa sucessão de etapas, produtores e leitores a ele engajados, mais ou menos iludidos ou convictos, são as peças essenciais no bom andamento do processo. Todavia, sem a adesão do leitor-propagador inicial, nada funcionará. (FINATTO; SILVA; ESTEVES, 2021, p. 355).

Ao trazer uma notícia de possibilidade de cura da doença e cessão da pandemia, o que se configura como uma esperança em toda população mundial, essa FN aumenta o potencial de circulação. Explicitamente observa-se também um discurso xenofóbico no final do texto: “Na ITÁLIA, a pandemia global tão conhecida é revelada e já levantada pela OMS. Essa cura já era conhecida pelos chineses que não a relataram, PARA PODER FAZER NEGÓCIOS E LUCRAR!”. Ao afirmar que os chineses não relataram a cura da doença, essa informação induz o leitor a pensar que os chineses tiveram a intenção de espalhar o coronavírus pelo mundo. Recuero *et al.* (2021) observa que conteúdos como esses, ao serem espalhados de forma irresponsável, fortalecem a desinformação e a narrativa do “vírus chinês”, já que “que tenta associar a pandemia com o país, assim como teorias da conspiração de que a China teria intencionalmente criado o vírus” (RECUERO *et al.*, 2021, p. 31), o que poderia aumentar mais a discriminação contra os chineses.

O uso de uma expressão médica “Coagulação intravascular disseminada”, seguida da sua explicação “(trombose)” Finatto (2022) argumenta que

alguns fatores podem contribuir para dificultar a compreensão do texto, como os termos técnicos sem explicação ou até mesmo palavras que podemos achar estranhas, por não fazerem parte do nosso vocabulário diário. (FINATTO, 2022, p. 11).

No entanto, a explicação adiante simplifica a linguagem para facilitar a compreensão por parte do interlocutor. Na sequência, o uso do adjetivo “sensacional”, modificando o sentido de notícia, revela uma forma de convencer o interlocutor, além do advérbio “nunca” modificar o sentido de “necessários”. Ambas configuram formulações extremas, pois visam a reforçar o ponto de vista do interlocutor, além de ser uma forma de argumentatividade, já que “subjaz uma ideologia” (KOCH, 2004, p. 17). Assim como o parágrafo anterior, esses três também desacreditam a Organização Mundial de Saúde ao argumentar que os pacientes com coronavírus

estavam sendo tratados de forma equivocada e que o tratamento é com um medicamento simples, ou seja, aspirina – esta, em caixa alta como forma de enfatizar o remédio.

No trecho do texto, no qual traz: “Fonte: Ministério da Saúde da Itália. COMPARTILHE!” como de praxe, há tentativa de legitimação do discurso ao mencionar, ao final, o Ministério da Saúde da Itália, mas sem fontes concretas, além do apelo ao compartilhamento – em caixa alta, para incentivar e reforçar a ação – da mensagem, que vem se mostrando uma característica recorrente entre as *fake news* analisadas até aqui. A essa estratégia Soares *et al.* (2021), baseando-se na Análise do Discurso Crítica – proposta por Norma Fairclough (2003) – chama de *call to action*, ou seja, tem a função de motivar o compartilhamento do conteúdo de modo a fazê-lo circular de forma mais ampla. Segundo a autora, “esta estratégia é importante no *WhatsApp*, porque o espalhamento das mensagens depende do repasse de usuários para outros contatos e grupos” (SOARES *et al.*, 2021, n.p.).

Percebe-se, logo de início, – e ao longo de todo o texto – uma carga emotiva excessiva na mensagem, com palavras de exagero. Verbos como “desobedecem” e “derrotam”, referentes à ação dos médicos da Itália no que diz respeito ao protocolo de saúde sugeridos pela OMS são sugestivos à transgressão da população em relação a tudo o que estava sendo feito até o momento.

Inicialmente, há uma informação de localização: Itália. Na sequência, o que ela promoveu em relação ao coronavírus: cura. O substantivo “cura” tem um sentido forte nessa frase, uma vez que havia uma expectativa alta para que isso acontecesse. Esse tipo de informação chama a atenção imediatamente não apenas pelos elementos que compõe a mensagem, mas pelo seu conteúdo que desperta esperança em todos, configurando um caso extremo. Há, também, um incitamento à transgressão às recomendações da Organização Mundial de Saúde, pois a Itália apenas conseguiu dizimar o coronavírus porque fez isso. O primeiro parágrafo do texto alerta para a descoberta que os médicos italianos haviam feito: “Os médicos italianos **desobedecem** à lei mundial da saúde da OMS, para não realizar autópsias em pessoas que morreram de coronavírus, descobrindo que **NÃO** é um **VÍRUS**, mas sim uma **BACTÉRIA**, que causa a morte. Isso causa a formação de coágulos sanguíneos e causa a morte do paciente”. É perceptível como há um encorajamento das pessoas a desrespeitarem protocolos de segurança da OMS, por meio do uso extremo do verbo “desobedecer”, aliado à informação posterior – realizar autópsias, mesmo não sendo a orientação da OMS – em uma tentativa de persuasão do interlocutor a sobre a teoria da conspiração ali presente. Nesse ponto, temos uma problemática que ultrapassa a área da saúde e entramos em uma questão a qual grupos políticos

deslegitima e desestruturam as instituições responsáveis por elaborar protocolos de segurança. Ao se desacreditar essas entidades, a desinformação ganha espaço e contribui para comportamentos perigosos que podem comprometer toda uma sociedade. Recuero *et al.* (2021) enfatiza que “esses grupos políticos têm um importante papel no processo de enquadramento dos assuntos como políticos, no uso de autoridades para legitimar conteúdos problemáticos e nos processos de espalhamento da desinformação.” (RECUERO *et al.*, 2021, p. 16). Além disso, há destaque à ideia de que o coronavírus é uma bactéria em vez de um vírus, o que, de acordo com a mensagem, contraria todos os protocolos, logo os cuidados e tratamentos são ineficazes. Mais uma vez, uma tentativa clara de desacreditar as instituições legitimadas, de fato, na área da saúde. O uso do advérbio “não” “é um importante elemento para identificar a polarização dos discursos” (SILVA; MARTINS, 2022, no prelo). Nesse sentido, a oposição de ideia “não é vírus” quando se sabe que é, colabora para gerar mais confusão e desinformação à população, visto que ainda era um momento de incertezas quanto a ação do coronavírus.

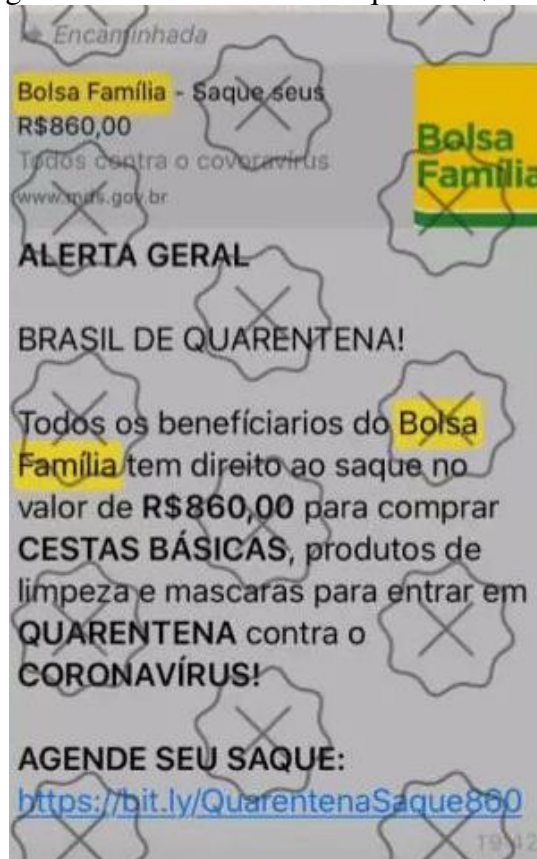
Os parágrafos seguintes dizem: “A Itália **derrota** o chamado Covid-19, que nada mais é do que “Coagulação intravascular disseminada” (trombose) / e a maneira de combatê-lo, ou seja, a sua cura é com os “antibióticos, anti-inflamatórios e anti-coagulantes”. Aqui, o uso do verbo “derrotar” traz implícita uma oposição do cenário à época, ou seja, vitória do país no combate ao coronavírus.

A Figura 7 é uma mensagem que circulou no mês de março de 2020 e alertava à população beneficiária do Programa Bolsa Família sobre um valor que eles tinham direito a receber para a compra de cesta básica.

O título do *link*: “Bolsa Família – **Saque** seus R\$860,00”. Todos contra o coronavírus” (grifo nosso). Na sequência, há o que se acredita ser o hiperlink do Ministério do Desenvolvimento Social (www.mds.gov.br). Trata-se de um link encaminhado, cujo título chama a atenção dos beneficiários do programa ou quem conhece quem seja. O nome do programa “Bolsa Família” chama a atenção, visto que se trata de um benefício a pessoas de baixa renda. Na sequência, o uso do verbo “sacar” no imperativo sinaliza que, na sequência, se encontra uma instrução, informação sobre como sacar o valor mencionado. Abaixo, tem-se o que é o título da mensagem em si: “**ALERTA GERAL** / “BRASIL DE QUARENTENA!”. As mensagens estão em caixa alta e negrito para, assim como nos casos das FN anteriores, destacar a mensagem e chamar a atenção dos interlocutores, uma vez que essas palavras são o título do texto encaminhado, além de denotarem urgência frente a uma situação incomum que é a

pandemia. A frase seguinte está sem negrito, mas com a palavra-chave que chama a atenção do leitor: “quarentena”.

Figura 7 – Bolsa família dá saque de R\$840,00



Fonte: Aos Fatos, 2020.

Àquela época, notícias sobre tudo relacionado à pandemia era consumida, visto as incertezas provocadas pelo cenário caótico que vivenciamos. Havia uma necessidade de esclarecimentos sobre como ficaria a situação das pessoas que estavam impossibilitadas de trabalhar ou que haviam perdido seus empregos. O corpo do texto traz: “Todos os beneficiários do Bolsa Família tem direito ao saque no valor de **R\$860,00** para comprar **CESTAS BÁSICAS**, produtos de limpeza e máscaras para entrar em **QUARENTENA** contra o **CORONAVÍRUS!**”. O início da mensagem chama a atenção porque traz “todos os beneficiários do Bolsa Família”, ou seja, essas pessoas tinham direito a, além do benefício, mais um valor adicional como complemento. Há o destaque, também, de palavras-chaves tanto em caixa alta, quanto em negrito como forma de captar a atenção do interlocutor. Ao final, o texto há uso do modo imperativo como forma de orientar o interlocutor o que ele deve fazer para ter acesso a mais informações sobre o conteúdo da mensagem: “**AGENDE SEU SAQUE:**”. Mensagens como essas, mesmo que não haja um apelo ao compartilhamento, tem potencial de propagação, visto

que, na conjuntura da época, muitas pessoas se encontravam preocupadas em relação à renda familiar e como passar pela pandemia sem renda alguma. Conforme Soares *et al.* (2021),

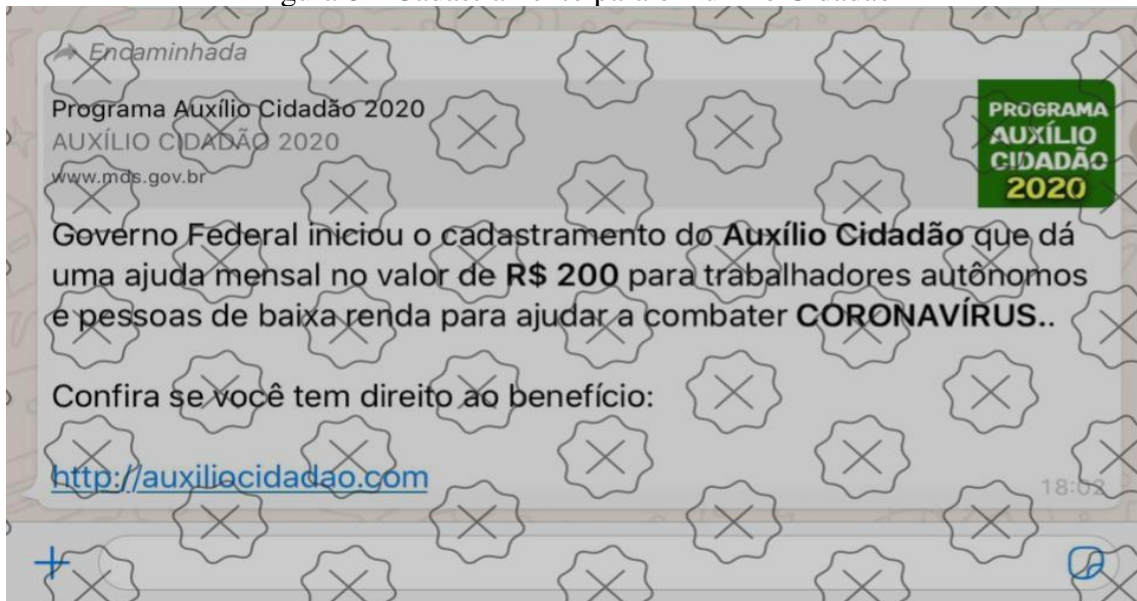
Como o conteúdo só se propaga no WhatsApp por meio do repasse de usuários individuais (sic), esta estratégia é importante para aumentar a visibilidade da desinformação. Além disso, ao repassar, os usuários de alguma forma legitimam aquele conteúdo, que agora está associado a forma como seus contatos o percebem. (SOARES *et al.*, 2021, n.p).

Sendo assim, o potencial de enganação dessa mensagem é alta, dado o cenário em que ela circulou. Em um olhar distraído, o interlocutor acredita facilmente no que recebe, já que a mensagem traz elementos que identificam o locutor: o logotipo do programa social “Bolsa Família”, porém, ao analisarmos o corpo do texto, percebemos diversas desvios de norma padrão como como acentuação na palavra “mascara”, concordância em “Todos os beneficiários do Bolsa família **tem** direito” (grifo nosso). Além disso, há uso de exclamações ao trazer que o Brasil está em quarentena e ao final do texto. Vale ressaltar, como já dito anteriormente, que o Governo Federal – assim como as outras esferas –, ao emitir nota em qualquer veículo, precisa seguir as normas do Manual de Redação Oficial e, neste caso, a mensagem não as segue. O hiperlink, ao final da mensagem, contribui para legitimá-la, afinal, dá a entender que é a página para agendamento para recebimento do benefício. De acordo com o *site* de *fact-checking* Aos Fatos, o hiperlink contido ao final da mensagem não é malicioso¹¹.

A Figura 8 circulou em março de 2020 e traz informação sobre um auxílio que o Governo Federal pretendia oferecer a trabalhadores informais, desempregados e microempreendedores individuais (MEI’s) que integram famílias de baixa renda. Entretanto, na época em que essa mensagem começou a circular, havia apenas um Projeto de Lei com a proposta. Percebe-se que a mensagem da figura 8 segue uma estrutura similar à 7: Inicia com a mensagem encaminhada que sugere ser oficial do governo: “Programa Auxílio Cidadão 2020 / AUXÍLIO CIDADÃO 2020” e na sequência o link que sugere ser do Ministério do Desenvolvimento Social (www.mds.gov.br).

¹¹ A página consultada para verificar se o hiperlink se tratava de um possível vírus foi: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-governo-liberou-saques-para-beneficiarios-do-bolsa-familia-por-cao-do-coronavirus/>. Acesso em: 30 maio 2022.

Figura 8 – Cadastramento para o Auxílio Cidadão



Fonte: Aos Fatos, 2020.

Ao lado, vê-se a logomarca do Programa Auxílio Cidadão 2020, criado durante a pandemia. Já no início, vê-se a legitimação da mensagem por meio do hiperlink e da logomarca do Programa, recursos importantes que conferem credibilidade à mensagem. Percebe-se que a estratégia de legitimação é recorrente em FN, visto que é uma forma de captar a confiança do leitor. O texto da mensagem diz: “Governo Federal iniciou o cadastramento *do* **Auxílio Cidadão** que dá uma ajuda mensal no valor de R\$ 200 para trabalhadores autônomos e pessoas de baixa renda para ajudar a combater **CORONAVÍRUS**”. Percebe-se que, inicialmente, não há o determinante de “Governo Federal”, o que configura um desvio de norma padrão. Além disso, há três elementos chaves destacados em negrito, sendo um deles em caixa alta, para dar ênfase à mensagem e ela ser lida pelo interlocutor. Importante destacar que o hiperlink disponibilizado ao final da mensagem está com o domínio “.com” (<http://auxiliocidadao.com>) em vez de “.gov”, visto que este é o utilizado pelo governo. No entanto, sabe-se que uma parcela considerável da população não tem conhecimento suficiente sobre esses detalhes, o que é favorável para os produtores das FN.

Por fim, a FN da Figura 9 circulou também no mês de março de 2020, quando o Ministério da Saúde lançou um aplicativo em que continham informações atualizadas sobre o coronavírus.

Figura 9 – Aplicativo do Ministério da Saúde é inseguro

CORONAVÍRUS

Encaminhado
Caros amigos, recomendo fortemente:

NÃO USEM O APLICATIVO "CORONAVÍRUS - SUS" DO GOVERNO DO BRASIL. O aplicativo pede a autorização de uma série de recursos que QUEBRAM A SUA PRIVACIDADE E SEGURANÇA DOS SEUS DADOS.

Essas AUTORIZAÇÕES que o aplicativo pede incluem:

- Ativar seu microfone;
- Acessar arquivos no seu celular e EDITÁ-LOS;
- Sua localização;
- Acessar a sua lista de contatos;
- Impedir que o seu celular fique em modo avião.

Isso é muito sério. O aplicativo permite basicamente se tornar um software espião em seu celular sem o seu controle e alterar os seus dados.

Quem estiver interessado pode checar no link original do app:

Android:
<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.gov.datasus.guardioes>

iOS:
<https://apps.apple.com/br/app/coronav%C3%ADrus-sus/id1406008382>



● Por que é falso?

O aplicativo Coronavírus-SUS-COVID-19 foi desenvolvido pelo Ministério da Saúde utilizando todos os padrões de segurança e preza pela confidencialidade das informações de seus usuários.

As permissões solicitadas aos usuários são validadas por meio de certificação de segurança e são necessárias para disponibilizar aos usuários todos os recursos disponíveis no aplicativo.

Saúde **sem Fake News**

(61) 99289-4640
www.saude.gov.br/fakenews



Fonte: antigo,saude.gov (2020).

A mensagem busca uma aproximação com o interlocutor ao iniciar com o vocativo “caros amigos, **recomendo fortemente:**” (grifo nosso), reforçando a ideia de que para serem difundidas no *WhatsApp* são pensadas e produzidas para um público bem definido para, assim, circularem entre indivíduos de um certo grau de intimidade, pois isso confere um grau de segurança e de credibilidade à mensagem. Ademais, o uso do advérbio “fortemente”, reforça a recomendação, visando a persuasão – argumentatividade – com um caso extremo. Finatto, Silva e Esteves (2021) alertam que

os produtores de fake news tendem a construir o texto de forma a enganar os leitores que, por sua vez, as assumem como reais. Além disso, muitas vezes, os leitores-propagadores identificam-se pessoalmente com as informações e as situações implicadas nos textos, passando-os adiante, numa cadeia contínua de captação de novos leitores. (FINATTO; SILVA; ESTEVES, 2021, p. 357).

A tentativa inicial de aproximação contida no texto pode contribuir para essa identificação pessoal, visto que o *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens que demanda o número de telefone do usuário, logo pode existir uma relação de aproximação entre os

interlocutores ali. Nesse sentido, a mensagem da Figura 9 apela em diversos sentidos não somente para validar o conteúdo da mensagem, mas também para aumentar o seu alcance. Na sequência o texto traz: “NÃO USEM O APLICATIVO ‘CORONAVIRUS – SUS DO GOVERNO DO BRASIL. O aplicativo pede a autorização de uma série de recursos que QUEBRAM SUA PRIVACIDADE E SEGURANÇA DOS SEUS DADOS.”. O texto, assim como outros analisados, utiliza-se de caixa alta na maior parte do parágrafo para destacar, chamar a atenção para o conteúdo alarmista existente ali. Há o uso do verbo no imperativo negativo “não usem”, indicando um comando – quase uma ordem – para o não uso do aplicativo lançado pelo Ministério da Saúde. Silva e Martins (2022), conforme Neves (2011), ao elaborar uma mensagem com sentenças negativas, o produtor do texto sinaliza maior dedução sobre o conhecimento que o falante possa ter do que quando compõe um enunciado afirmativo. Nesse sentido, a negação não necessariamente pressupõe uma informação nova, mas uma tentativa de invalidar uma afirmação existente no conhecimento de quem recebe a mensagem. No texto em questão, ao utilizar o advérbio “não”, o locutor tenta contrapor a verdade que é o uso do aplicativo para auxiliar os cidadãos em possíveis dúvidas que eles venham a ter acerca da covid-19. Na sequência, também de forma alarmista, há a explicação do porquê o interlocutor não deve utilizar o aplicativo: trata-se de um aplicativo espião que irá monitorar os dados do usuário. Na sequência, a mensagem traz as ações que o aplicativo irá executar, caso seja instalado no celular: “Essas AUTORIZAÇÕES que o aplicativo pede incluem: / Ativar seu microfone; / Acessar arquivos no seu celular e EDITÁ-LOS; / Sua localização; / Acessar a sua lista de contatos; / Impedir que seu celular fique em modo avião”. Novamente, há uso de caixa alta em 2 palavras-chaves “autorização” e “editá-los”. Percebe-se que esses destaques são para chamar a atenção do interlocutor para mensagem aos pontos principais da funcionalidade do aplicativo. Sabe-se que uma parcela dos brasileiros não domina as novas tecnologias e a suas linguagens, logo, é fácil ludibriar quem recebe mensagens com esse teor. Ao final, o texto diz: “Isso é **muito** sério. O aplicativo permite basicamente se tornar um software espião em seu celular sem seu controle e alterar os seus dados. Quem estiver interessado pode checar no link original do APP” (grifo nosso). O trecho faz uma tradução do que o aplicativo poderá fazer no celular, caso o leitor da mensagem resolva usá-lo. O advérbio “muito” modifica o substantivo “sério”, mostrando a gravidade do que pode acontecer, caso o interlocutor resolva acessar o aplicativo. Além disso, o uso de opinião, misturado ao texto, pode configurar credibilidade à mensagem. Soares *et al.* (2021) alerta que “a opinião pode reforçar um aspecto de informalidade em interações menos públicas e facilitar o espalhamento da desinformação. O uso da opinião é

também uma estratégia argumentativa de validação de um discurso” (SOARES *et al.*, 2021, n.p). O uso de caixa alta e hiperlinks contribuem para a legitimação do discurso. Por fim, o autor da mensagem deixa disponível dois links que, segundo ele, mostrará a verdade sobre o que ele diz. Essa estratégia de validação do discurso é uma forma de conferir credibilidade à mensagem, uma vez que muitas pessoas não verificam o que recebe nas mídias sociais seja por falta de informação de como se fazer isso, seja por falta de recursos. Mesmo a mensagem sendo apócrifa, ela ganha credibilidade por utilizar estratégias discursivas de convencimento que são recorrentes em *fake news* que circulam amplamente nas mídias sociais: caixa alta e apelo emocional, argumentatividade, formulação de casos extremos, além do uso de verbos no imperativo. Nota-se, também, que a mensagem traz elementos verdadeiros – de fato, o aplicativo solicita esses dados – misturados a falsas intenções. Por fim, o uso de dois hiperlinks que direcionam ao suposto aplicativo real do Governo Federal é colocado ao final da mensagem. Percebe-se, claramente, uma teoria da conspiração no teor dessa mensagem e que pode ser bastante prejudicial, visto que o aplicativo é uma fonte de informação rápida e segura. O Quadro 2 apresenta uma síntese dos elementos mais frequentes nas FN analisadas a partir das figuras apresentadas.

Quadro 2 – Configuração das *fake news*

Elementos	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Linguagem simplificada (ATT)	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Argumento de autoridade	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Apelo a compartilhamento		X	X	X	X	X			
Conteúdo completamente falso (fabricado)	X					X			X
Hiperlink				X	X		X	X	X
Verbos no imperativo	X			X	X	X	X	X	X
Caixa alta	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Casos de Formulações Extremas	X	X	X	X	X	X			X
Argumentatividade	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

O que foi possível perceber a partir das análises das *fake news* que circularam no aplicativo de conversas *WhatsApp*, é que existem elementos linguísticos recorrentes que contribuem para impulsionar o compartilhamento das mensagens, por isso que elas circulam amplamente: uso de caixa alta, palavras e expressões em negrito e até em itálico, apelo ao compartilhamento, verbos no imperativo, uso de adjetivos e advérbios que sinalizam opinião, o que chama a atenção do interlocutor para o que se comunica ali. Além disso, o uso de instituições, de pessoas ditas da área da saúde ou da política e até mesmo o uso de hiperlinks para a legitimação do discurso são elementos fundamentais para dar veracidade ao conteúdo

espalhado. Quase todas as FN usaram a formulação de casos extremos para tentar persuadir o interlocutor quanto o que estava presente na mensagem.

Na seção seguinte, trouxemos as palavras mais recorrentes nas FN analisadas, o que contribuirá para a maior abrangência das análises feitas nesta seção.

3.2 Palavras recorrentes no *corpus*

Para a análise a seguir, utilizamos o *software* AntConc 4.0.11 para auxiliar na contagem das palavras do *corpus* das nove *fake news*. Foram contabilizadas 893 palavras no total, sendo 445 palavras diferentes. Essas palavras mais frequentes foram identificadas através da ferramenta *Word*.

Quadro 3 – Palavras recorrentes no *corpus* das *fake news*

Nº	Item	Frequência	Nº	Item	Frequência
1	a	32	21	não	6
2	o	32	22	já	5
3	de	28	23	mãos	5
4	e	22	24	sua	5
5	que	21	25	água	5
6	para	17	26	aplicativo	4
7	é	16	27	assim	4
8	do	12	28	Brasil	4
9	os	12	29	durante	4
10	vírus	12	30	governo	4
11	em	11	31	Itália	4
12	coronavírus	11	32	amigos	3
13	se	10	33	auxílio	3
14	no	9	34	celular	3
15	seu	8	35	cidadão	3
16	com	7	36	contra	3
17	ou	7	37	covid	3
18	ao	6	38	cura	3
19	da	6	39	doença	3
20	mais	6	40	vacina	3
			41	lavar	3
			41	corona	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Os substantivos “vírus”, seguido de “coronavírus”, presentes no Quadro 3, é o nosso primeiro destaque para análise, no qual aparecem doze e onze vezes, respectivamente, no *corpus*. Embora os substantivos “covid” e “doença” apareçam apenas três vezes, também estão no mesmo campo semântico. Essa classe gramatical tem, entre suas características, a função de designar ou nomear seres em geral, por isso, esperava-se que essas palavras fossem as mais frequentes entre os substantivos detectados, visto que elas direcionam a temática principal que será abordada nas *fake news* disparadas no *WhatsApp* no período inicial da pandemia. É válido

ressaltar que o substantivo “corona” aparece apenas duas vezes em todo o *corpus*, entretanto, isso ocorre porque a palavra foi grafada inadequadamente como “corona vírus”.

Na sequência, o advérbio de negação aparece seis vezes no *corpus*. Embora tenha aparecido em apenas quatro das nove FN, há relevância em seu uso pois eles trazem negação ou contradição a uma informação verdadeira sobre a covid-19.

Quadro 4 – Contexto de uso do advérbio “não” no *corpus* das *fake news*

FN	Contexto à esquerda	Palavra	Contexto à direita
fn9.txt	se você tem direito ao benefício.caros amigos, recomendo fortemente:	NÃO	USEM O APLICATIVO ‘CORONAVIRUS – SUS DO GOVERNO DO BRASIL.
fn6.txt	pela OMS. Essa cura já era conhecida pelos chineses que	não	a relataram, PARA PODER FAZER NEGÓCIOS E LUCRAR! Fonte:
fn5.txt	Brasileiro, anuncia que a vacina chega ao Brasil dia 30/03/2020! Para	não	haver super lotações nos Postos de Saúde e nas
fn6.txt	italianos desobedecem à lei mundial da saúde da OMS, para	não	realizar autópsias em pessoas que morreram de coronavírus, descobrindo
fn2.txt	que tentarei sumarizar pra você. 1 – o vírus é fraco e	não	resiste ao calor. Temperaturas de 26 ou 27° C já matam
fn6.txt	realizar autópsias em pessoas que morreram de coronavírus, descobrindo que	NÃO	é um VÍRUS, mas sim uma BACTÉRIA, que causa

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

O Quadro 4 mostra que a maior ocorrência do advérbio “não” acontece na *fake news* da Figura 6, que trata da cura do coronavírus na Itália. Como analisado na seção anterior, trata-se de uma teoria da conspiração, ou seja, FN completamente fabricada. Em todas as aparições, vê-se que há uma tentativa de contradizer a verdade veiculada pelas entidades mundial e nacional de saúde. Segundo Silva e Martins (2022),

passando a dar ênfase para o discurso jornalístico, que é o discurso que dialoga diretamente com as *fake news*, nota-se uma disputa de poder entre os *fact-checking* e as *fake news*, pois um tenta negar as informações apresentadas pelo outro. (SILVA; MARTINS, 2022, no prelo).

As FN surgem como uma forma de distorcer acontecimentos e realidades, estabelecer conexões inexistentes entre fatos não relacionados e até mesmo criar teorias para favorecerem a narrativa política e ideológica que disseminam (RECUERO *et al.*, 2021). Nesse sentido, compromete-se, e muito, as ações de prevenção e precaução no que diz respeito à doença.

Outros dois substantivos que apareceram com frequência no *corpus* foram “mão” e “água”, ambas cinco vezes. Em três desses substantivos estão relacionados ao verbo no infinitivo “lavar”.

Quadro 5 – Contexto de uso dos substantivos “mãos” e “água” no *corpus* das *fake news*

FN	Contexto à esquerda	Palavra	Contexto à direita
fn3.txt	uma superfície de metal, permanece vivo durante 12 horas. Lavar as	mãos	com água e sabão é suficiente para destruí-lo.
fn3.txt	será suficiente para eliminá-lo. O vírus só vive nas	mãos	durante 10 minutos. Assim, usar um desinfetante em gel também
fn2.txt	se manter vivo por até 12 horas. Assim, evitar passar as	mãos	em corrimãos é importantíssimo. 5 – Conselhos: Beber água quente ou
fn2.txt	O vírus fica resistente nas mãos por 10'. Assim, lavar as	mãos	frequentemente é muito importante é eficaz.
fn2.txt	3 – O vírus fica resistente nas	mãos	por 10'. Assim, lavar as mãos frequentemente é muito importante

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Uma das recomendações que mais circulou durante a pandemia foi a de lavar as mãos com água e sabão para que elas estivessem sempre limpas e se evitasse o contágio pelo vírus. Assim, essa medida de prevenção veiculada pelo Ministério da Saúde se manteve nas FN analisadas. As outras duas ocorrências tratavam do uso de gel desinfetante (FN3) e do cuidado ao se passar as mãos em alguns locais como corrimão e (FN2). Vale lembrar que o verbo lavar, embora esteja em sua forma infinitiva, assume a função de instrução, comando, característica que é própria do modo imperativo do verbo.

O substantivo “governo” aparece no corpus quatro vezes. Ressalta-se que os substantivos “auxílio” e “cidadão” aparecem três vezes e associados a “governo”. Todas essas menções estão relacionadas a possíveis ações do governo federal no combate à covid-19, tais como vacinação, informações, e à possibilidade de auxílio financeiro aos trabalhadores que perderam seus empregos ou a pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Quadro 6 – Contexto de uso do substantivo “governo” no *corpus* das *fake news*

FN	Contexto à esquerda	Palavra	Contexto à direita
fn5.txt	-	Governo	Federal Brasileiro, anuncia que a vacina chega ao Brasil
fn8.txt	AGENDE SEU SAQUE programa auxílio cidadão 2020 auxílio cidadão 2020	Governo	Federal iniciou o cadastramento do Auxílio Cidadão que dá
fn9.txt	amigos, recomendo fortemente: NÃO USEM O APLICATIVO ‘CORONAVIRUS – SUS DO	GOVERNO	DO BRASIL. O aplicativo pede a autorização de uma
fn5.txt	O agendamento deve ser feito através do APP oficial do	Governo	do Brasil

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao analisarmos as palavras de maior recorrência e relevância dentro do *corpus*, percebemos que elas podem ter contribuído para a produção de sentidos equivocados a respeito dos cuidados com o coronavírus, da desinformação sobre auxílios, agendamentos e vacinação – que à época, ainda não existia – e, conseqüentemente, prejudicado as ações governamentais

sanitárias, já que as FN podem ter afetado o comportamento de parte da população em relação ao vírus. A repetição da palavra “governo” está tanto relacionada com ações do governo da direita de forma positiva quanto com as do governo de esquerda de forma negativa. No contexto de politização da doença, o uso dessa palavra, aliado ao contexto das mensagens e local de circulação formam estruturas argumentativas poderosas para enganar pessoas e motivá-las a compartilhar a desinformação. Como bem pontua Koch (2004), persuadir se relaciona a alcançar o sentimento, a crença do interlocutor, por meio de argumentos que aflorem essas reações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade é marcada pela pelos avanços tecnológicos e, conseqüentemente, pela facilidade em diversas áreas, em especial, a comunicação. Porém, essa comodidade vem acompanhada de pontos negativos e um deles são as *fake news*, que alienam e polarizam indivíduos em uma sociedade, comprometendo gravemente o estado democrático de direito. Embora as notícias falsas já existam há séculos, foi somente com a tecnologia e, posteriormente, com as mídias sociais que elas se potencializaram e passaram a se propagar com mais facilidade e velocidade. Diversas áreas da sociedade sofrem com o avanço das FN, mas no período inicial da pandemia, a circulação da desinformação tornou a situação crítica ao ponto de autoridades sanitárias precisarem intervir, a todo momento e em diversas mídias, desmentindo essas mensagens que se propagavam em vários veículos. Mesmo assim, ainda havia barreiras para que a verdade alcançasse a toda população, já que as FN têm capacidade de propagação maior e mais eficaz do que a verdade. Aliado a isso, há a pós-verdade, sentimento em que o interlocutor da mensagem tem o desejo de acreditar no que lê, porque corrobora com sua visão ideológica. Assim, viu-se o caos informacional, pois, a todo momento, noticiava-se algo novo nas mídias, e isso coexistia com as FN que circulavam em alto grau na *internet*, gerando uma “infodemia”. Nesse contexto, vimos a necessidade de investigar as FN que circularam no *WhatsApp*, uma vez que este é um aplicativo popular, de grande uso entre os brasileiros, e que, além de ser de fácil acesso e compartilhamento, é possível utilizar sem a necessidade de consumir os dados móveis de *internet* do usuário dos smartphones.

As análises feitas nesta dissertação evidenciaram quatro aspectos importantes no que se refere às FN que circulam em forma de mensagem no *WhatsApp*, quais sejam: (i) a seleção de palavras que denotam emoção, sentimento (adjetivos e advérbios) são bastante utilizadas, sinalizando uma característica linguística forte, pois elas contribuem para o sentimento de verdade no interlocutor; (ii) os produtores das FN, no intuito de circular amplamente o conteúdo que criam, utilizam uma linguagem acessível, visto que esta alcança a todos os públicos e aumenta as chances de compartilhamento; (iii) os textos que circulam no *WhatsApp* seguem a lógica do aplicativo, ou seja, aparecem como se fossem um diálogo entre locutor e interlocutor, logo, a coloquialidade se faz presente em várias delas; e (iv) as FN, mesmo que curtas, são textos argumentativos que visam a persuadir o interlocutor quanto à mensagem ali presente.

Utilizamos, para esta pesquisa, a noção de aspectos linguísticos do texto e analisamos a relação entre os substantivos e os adjetivos dentro do texto, além dos advérbios e como eles

contribuíam para produzir sentidos de convencimento no interlocutor. Aplicamos, ainda, a teoria da Acessibilidade Textual Terminológica proposta por Finatto (2022), uma vez que vimos como as FN possuem uma linguagem simples e acessível a todas as camadas, sendo esta, um dos seus objetivos. Por fim, pelo fato de o *WhatsApp* ser um aplicativo de mensagens, os textos que ali circulam estão propensos a terem características da coloquialidade e da oralidade.

Por fim, entendemos que a pesquisa sobre os aspectos linguísticos das FN não se esgota aqui, visto que há diversos outros elementos que necessitam ser estudados e aprofundados quando se trata desse gênero discursivo, pois as FN se modificam constantemente, conforme o contexto ao qual está inserida e a mídia social em que circula, por isso é preciso o constante estudo sobre elas, além da disseminação de alertas sobre como identifica-las, de forma que alcance toda a população, em especial, aquela mais suscetível a crer na desinformação. Como sugestão, deixamos a pesquisa sobre a multimodalidade em FN sobre saúde nas mídias sociais diversas, em especial, Facebook e Instagram, visto que essas comportam mais recursos imagéticos que o *WhatsApp*, e as imagens têm forte potencial de persuasão. A temática saúde é sugerida, já que essa área vem sofrendo investidas pesadas do movimento antivacina, colocando a saúde pública em risco e, como visto, essa foi uma conquista árdua para os brasileiros ao longo dos séculos, assim, todos os esforços para combater as FN nessa área são válidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 23 dez. 2019.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl] — 2^a ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1997— (Coleção Ensino Superior).
- BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BATISTA, S. M. Onde os fatos não têm vez: uma análise acerca das fake news divulgadas na greve dos caminhoneiros e a construção do imaginário urbano do medo. *In*: ENAPUR, **Anais [...]**, Natal, 2019.
- BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1998.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. New Jersey: Ablex Publishing, 1997
- BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BENTES, A. O texto além do texto. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. **IHU On-line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Edição 520. 23 abr. 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7249-o-texto-alem-do-texto>. Acesso em: 23 dez. 2019.
- BRASIL. **Constituição [1988]**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 jan. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Manual de redação da Presidência da República**. 3. ed., rev., atual. e ampl. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. 189 p. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/centrodeestudos/assuntos/manual-de-redacao-da-presidencia-da-republica/manual-de-redacao.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- BURGOON, J. K. *et al.* In: Trust and deception in mediated communication, 36th Annual Hawaii International Conference on System Sciences, **Conference paper**, 2003. 11 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/221181417_Trust_and_Deception_in_Mediated_Communication. Acesso em: 18 jun. 2021.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso, modo de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CAPURRO, R. **Dores e delícias da era digital**. Revista Cult [entrevista], Ano VII, n. 93, abril de 2013, p. 5-13.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994.

CUNHA, Celso; CINTRA; Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed., reimpr. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon, 2017. 800p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/1vcv5nn>. Acesso em: 10 jul. 2022.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador, BA: EDUFBA, 2020. 79p. (Coleção Cibercultura). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32043/4/PlataformasPDF.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.

DEZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432p.

D'ANCONA. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Tradução de Carlos Szlak. 1. ed. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018.

VAN DIJK, Teun A. Discurso e cognição na sociedade. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 19, n. 1, p. 19-52, 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Taylor & Francis e-Library, 2003.

FERREIRA, J. R. S.; LIMA, P. R. S.; SOUZA, E. D. de. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 30-53, 2020. DOI: 10.19132/1808-5245271.30-53. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/102195>. Acesso em: 1 mar. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana L. P., FIORIN, José Luiz. (Org.). **Dialogismo, poli-fonia e intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003

FINATTO, Maria José Bocorny; SILVA, Adriana da; ESTEVES, Francine Facchin. Fake news e desinformação sobre vacinas: contribuições dos estudos da Terminologia, do Texto e do Discurso. **GTLex**, v. 6, n. 2, p. 345-394, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/download/60393/31692>. Acesso em: 02 jul. 2022.

FINATTO, M. J. B. PARAGUASSU, L. B. **Acessibilidade textual e terminológica**. Uberlândia: EDUFU, 2022. 288 p. (Série E-Classe: Acessibilidade Textual). Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35193/1/eClasse_Acessibilidade_Textual.pdf. Acesso em: 02 jul. 2022.

FINATTO, M. J. B.; EVERS, A.; STEFANI, M. Letramento científico e simplificação textual: o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 26, n. 52, p.135-158, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148525328>.

FINATTO, Maria José Bocorny; MOTTA, Ester. Terminologia e Acessibilidade: novas demandas e frentes de pesquisa. **Revista GTLex**, v. 2, n. 2, p. 316-356, 2019.

FREIRE, Neyson Pinheiro *et al.* A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4065-4068, 2021.

FREIRE, F. S. F. **Discurso e força estética das notícias falsas: um estudo sobre a configuração do gênero fake news**. 165f. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19622?locale=pt_BR . Acesso em: 25 jun. 2021.

FROMM, Guilherme. É difícil falar fácil. *In*: FINATTO, M. J. B. PARAGUASSU, L. B. **Acessibilidade textual e terminológica**. Uberlândia: EDUFU, 2022. 288 p. (Série E-Classe: Acessibilidade Textual). Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35193/1/eClasse_Acessibilidade_Textual.pdf. Acesso em: 02 jul. 2022.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. Mar./Abr. 1995.

GODOY, A. S. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985 [1978].

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 7. ed. São Paulo, SP: Contexto, 1994.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e Argumentar**. São Paulo, SP: Contexto, 2016.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo, SP: Contexto, 2014a

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed., 5. reimp. São Paulo, SP: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1991.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1974

LEITE, V.; LOBATO, F. **Combatendo um câncer na saúde**: boas práticas de comunicação ajudam a evitar que notícias falsas e boatos se espalhem pelas redes. Portal Periódicos. Fiocruz. 04 fev. 2018. Disponível em: <https://periodicos.fiocruz.br/pt-br/content/combate-um-cancer-na-saude-boas-praticas-de-comunicacao-ajudam-evitar-que-noticias-falsas>. Acesso em: 27 dez. 2018.

LELLES, Karina. Uma análise do discurso do presidente bolsonaro na solenidade de assinatura da medida provisória da vacina contra o coronavírus (covid-19). **Caderno de Letras**, n. 41, p. 261-274, 2021.

LEVY, N. The bad news about fake news. *Social Epistemology Review and Reply Collective*, v. 6, n. 8, p. 20-36, 2017.
https://socialepistemologydotcom.files.wordpress.com/2017/07/levy_fake_news1.pdf .
Acesso em 03/12/2022.

LEITE, N. C.; SILVA, M. O. WhatsApp: caracterização do gênero chat em contexto de ensino de línguas estrangeiras. **Texto Livre**, v. 8, n. 1, p. 85-97, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16689>. Acesso em: 28 maio 2022.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bahktin**: conceitos-chave. São Paulo, SP: Contexto, 2005, p.151-166

MARILEI, Resmini. **Da releitura à escrita**: um estudo da leitura pelo viés da pontuação, 2001. 340 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MARINHO, J. H. C. A produção de textos escritos. *In*: Dell'Isolla, R. L. P.; MENDES, E. A. de M. (Orgs.). **Reflexões sobre a língua portuguesa**: ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

MARQUARDT, Dorota. Linguistic Indicators in the Identification of Fake News. *Mediatizations Studies*, v. 3, p. 95-114, 2019. Disponível em: <https://journals.umcs.pl/ms/article/view/8206/pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MOREL, Ana P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, e00315147, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/pnVbDRJBcdHy5K6Nsc4X65f/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

O'BRIEN, N.; LATESSA, S.; EVANGELOPOULOS, G.; BOIX, X. The Language of Fake News: Opening the Black-Box of Deep Learning Based Detectors. *In*: Workshop "AI for Social Good", NIPS, **Paper**, Montreal, Canada, 2018. Disponível em: <https://cbmm.mit.edu/publications/language-fake-news-opening-black-box-deep-learning-based-detectors>. Acesso em: 12 nov. 2021.

OLIVEIRA, Lúcia Pacheco de. Linguística de Corpus: teoria, interfaces e aplicações. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 16, n. 24, jun. 2009. ISSN 2446-6905. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27796/19917>. Acesso em: 25 mar. 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde - OMS. Repositório Institucional para Troca de Informações – Iris. **Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19** [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020 [citado 2020 ago 3]. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>.

PAIN, J.; TRAVASSOS, C.; ALMEIDA, C.; BAHIA, L.; MACINKO, J. O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. *In*: **Saúde no Brasil**. Publicado em 9 de maio de 2011. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: http://actbr.org.br/uploads/arquivo/925_brazil1.pdf Acesso em: 12 jan. 2020.

Paiva, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada** [online], v. 55, n. 2, p. 379-401, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/hnGPY5pRNfGbwKJ8JjHTjgF>. Acesso em: 18 mai. 2022.

POMERANTZ, A. Extreme case formulations: A way of legitimizing claims. **Human Studies**, v. 9, p. 219-229, 1986. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/BF00148128>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade Freevale, 2013.

RASHKIN, H. *et al.* Truth of Varying Shades: Analyzing Language in Fake News and Political Fact-Checking. *In*: Conference on Empirical Methods in Natural Language Processing, **Anais [...]**, p. 2931-2937. Copenhagen, Denmark, September 7-11, 2017. Disponível em: <https://www.ccsenet.org/journal/index.php/ijel/article/view/0/44204>. Acesso em: 12 nov. 2021.

RECUERO, Raquel *et al.* **Desinformação, Mídia Social e Covid-19 no Brasil: Relatório, resultados e estratégias de combate**. 1. ed. Pelotas, RS: MIDIARS, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covid-midiars-2021-1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?** Barueri (São Paulo): Estação das Letras e Cores. 2019.

SANTAELLA, Lúcia. A semiótica das fake news. **Verbum Cadernos de Pós-graduação**, v. 9, n. 2, p. 9-25, set. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50522> . Acesso em: 30 abr. 2022.

SILVA, Pietra Vaz Diógenes da. Pandemia e infodemia nas mídias: análise da desordem informacional no Twitter. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 148 - 159, dez. 2020. ISSN 2237-826X. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/76506/42609>. Acesso em: 01 mar. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.76506>

SILVA, Adriana da; MARTINS, Iane Maria Dantos. Um estudo descritivo de fake News / desinformação sobre Covid. **Revista Letras UFSM**, 2022 (no prelo).

SILVA, Elaine Luzia; LADEIRA, Wânia Terezinha. O uso de Formulações de Casos Extremos como estratégia discursivo-interacional de autovitimização em Audiências de Conciliação. **Calidoscópico**, v. 9, n. 2, p. 96-105, 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/download/cld.2011.92.02/415/0>. Acesso em: 06 jun. 2022.

SILVA, Lidiane R. C *et al.* Pesquisa Documental: Alternativa Investigativa Na Formação Docente. *In*: Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), IX; Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, III. **Anais [...]**, PUC-PR. p. 4554-4566. 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3124_1712.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.

SOARES, F. B.; RECUERO, R.; VOLCAN, T.; FAGUNDES, G.; SODRÉ, G. Desinformação sobre o Covid-19 no WhatsApp: a pandemia enquadrada como debate político. **Ciência da Informação em Revista**, v. 8, n. 1, p. 74-94, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/11246>. Acesso em: 30 maio 2022.

SOUZA, Kamilla. O que é mentira sobre o Coronavírus? Blog A Ciência Explica. 24 mar. 2020. Disponível em: <http://www.cienciaexplica.com.br/2020/03/24/o-que-e-mentira-sobre-o-coronavirus/>. Acesso em: 18 mai. 2022.

SOUZA, M. F. C de; AZEVEDO, N. P. da S. G. de. Guerras culturais e formações imaginárias da polarização política brasileira: um estudo discursivo. **Revista Humanidades e Inovação**. v. 5, n. 4, p. 209-226, 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/640>. Acesso em: 15 jan. 2020.

STERNBERGH, A. **Smile, You're speaking emoji**: the rapid evolution of a wordless tongue. *New York News & Politics*. 16 nov. 2014. Disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2014/11/emojis-rapid-evolution.html>. Acesso em: 30 maio 2022.

TOMPKINS, J. **Disinformation Detection**: A review of linguistic feature selection and classification models in news veracity assessments. Department of Information Science. College of Emergency Preparedness, Homeland Security and Cybersecurity. p. 1-15. agosto, 2018. Disponível em: <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1910/1910.12073.pdf> . Acesso em: 21 nov. 2021

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. 2. ed., 4. Reimp. São Paulo, SP: Contexto, 2018.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 7, p. e00101920, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343211135_COVID-19_as_fake_news_e_o_sono_da_razão_comunicativa_gerando_monstros_a_narrativa_dos_riscos_e_os_riscos_das_narrativas. Acesso em: 25 mar. 2020.

VICTOR, Fabio. DARNTON, R. **Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton**. Folha Uol. 19 fev. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>.

VISCARDI, Janaisa Martins. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1134-1157, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/01031813715891620200520>. Acesso em: 10 maio 2021.

ZHOU, Xinyi; ZAFARANI, Reza. Network-based Fake News Detection: A Pattern-driven Approach. **ACM SIGKDD Explorations Newsletter**, v. 21, n. 2, p. 48-60, 2019. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3373464.3373473>. Acesso em: 12 nov. 2021.